

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (PGLETRAS)

THAYANE SOARES DA SILVA

DISCURSO COMUNISTA DIRIGIDO AOS CRISTÃOS: sentidos, história e memória no
discurso político-eleitoral de Flávio Dino (MA/2014)

São Luís

2017

THAYANE SOARES DA SILVA

DISCURSO COMUNISTA DIRIGIDO AOS CRISTÃOS: sentidos, história e memória no discurso político-eleitoral de Flávio Dino (MA/2014)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PGLetras), da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestra em Letras, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Mônica da Silva Cruz.

Linha de Pesquisa: Discurso, Literatura e Memória

São Luís

2017

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Silva, Thayane Soares da.

DISCURSO COMUNISTA DIRIGIDO AOS CRISTÃOS : sentidos,
história e memória no discurso político-eleitoral de
Flávio Dino MA/2014 / Thayane Soares da Silva. - 2017.
84 f.

Orientador(a): Mônica da Silva Cruz.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em
Letras/cch, Universidade Federal do Maranhão, São Luis,
2017.

1. Comunismo. 2. Discurso. 3. Flávio Dino. 4.
Política. I. Cruz, Mônica da Silva. II. Título.

THAYANE SOARES DA SILVA

DISCURSO COMUNISTA DIRIGIDO AOS CRISTÃOS: sentidos, história e memória no
discurso político-eleitoral de Flávio Dino (MA/2014)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PGLetras), da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestra em Letras, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Mônica da Silva Cruz.

Linha de Pesquisa: Discurso, Literatura e Memória

Aprovada em ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Mônica da Silva Cruz (Orientadora)
Doutora em Linguística e Língua Portuguesa
Universidade Federal do Maranhão

Prof. José Dino Costa Cavalcante
Doutora em Estudos Literários
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Ilza do Socorro Galvão Cutrim
Doutora em Linguística e Língua Portuguesa
Universidade Federal do Maranhão

AGRADECIMENTOS

A toda minha família, em especial, minha mãe Osmarina, meu pai José Ribamar e meus irmãos Jáder e Ítalo, que sempre me apoiam.

A minha orientadora Prof^a. Mônica Cruz, por todos os ensinamentos, pela preocupação e paciência durante toda a orientação e pelo incentivo constante, será sempre um exemplo para minha atuação profissional.

A professora Prof^a. Ilza do Socorro Galvão Cutrim, que me acompanha também desde a iniciação científica, e esteve sempre presente em minhas pesquisas através de suas valiosíssimas sugestões. Obrigada por sempre ter me incentivado a buscar mais.

A todos os amigos do Projeto Entretextos e do Grupo de Pesquisa em Linguagem e Discurso do Maranhão (GPELD-MA), por todas as nossas sempre prazerosas e férteis discussões. Em especial a Ilza Cutrim, pelas preciosas sugestões e orientações. A Claudemir Sousa, Camila Nascimento, Juliana Lavra e Camila Tavares.

A todos os meus professores do Programa de Pós-Graduação em Letras (PGLetras), em especial à nossa querida coordenadora e professora Veraluce por todo o carinho e por ter me ajudado em todas as questões durante o curso.

Ao meu namorado, André Felipe por todo suporte, seu computador, sua internet, carinho, paciência e por não me deixar desistir nos momentos de maior ansiedade.

A todos os amigos que encontrei na universidade durante a graduação e durante o mestrado, que de alguma forma contribuíram para realização deste trabalho.

[...] o enunciado circula, serve, se esquivava, permite ou impede a realização de um desejo, é dócil ou rebelde a interesses, entra na ordem das contestações e das lutas, torna-se tema de apropriação ou de rivalidade.
(Michel Foucault)

RESUMO

Em uma sociedade midiática na qual a política se manifesta como espaço de embates discursivos, apresentamos este trabalho com o objetivo de avaliarmos memórias produzidas para o comunismo em um acontecimento discursivo: a participação de um candidato do Partido Comunista do Brasil nas eleições estaduais no Maranhão de 2014. Investigamos, especificamente, os efeitos de sentido que emergiram na mídia, a partir da associação do então candidato Flávio Dino à memória do comunismo, durante as eleições de 2014. Utilizamos para tanto, princípios conceituais da Análise do Discurso de linha francesa, reflexões foucaultianas para o entendimento das formações e circulação dos discursos, e estudos sobre discurso político, memória e mídias (COURTINE, 2011; PECHÊUX, 1999; GREGOLIN 2007; 2008); as identidades são discutidas da perspectiva dos Estudos Culturais (HALL, 2006; BAUMAN, 2005). Selecionamos, metodologicamente, textos relativos à campanha eleitoral de Flávio Dino de 2014: uma charge publicada no jornal *O Estado*; uma entrevista televisiva dada à *Rede Mirante*; o primeiro e o último vídeo da propaganda eleitoral do candidato intitulados *Carta aos Maranhenses* e *Carta dos maranhenses*, respectivamente; e um texto publicado no site do PMDB, partido de Lobão Filho, seu adversário político. Delimitamos o *corpus* contemplando a “regularidade” da emergência do tema “comunismo” nesses textos, para focalizarmos nossa leitura. As análises mostram que, em entrevista, a regularidade dos discursos sobre o candidato está na construção de uma oposição entre as identidades de comunista e cristão, e nessas condições o candidato mobiliza uma memória para o comunismo compatível com as possibilidades instauradas para as identidades na pós-modernidade. Percebemos também, na propaganda eleitoral do candidato, a presença de uma memória sobre o comunismo que rememora e atualiza o conceito de comunismo da igreja cristã primitiva, a da construção de uma sociedade igualitária com bens e riquezas acessíveis a todos.

Palavras-chave: Discurso. Política. Flávio Dino. Comunismo.

ABSTRACT

In a media society in which politics is presented as a space of discursive battles, we present this work in order to evaluate memories produced for communism in a discursive event: the participation of a candidate of Brazil's communist party (PCdoB) in state elections of Maranhão, in 2014. We investigate specifically the meaning effects that have emerged in the media, from the association of Flávio Dino to the communism memory, during the 2014 elections. We used to do so, the conceptual principles of the Discourse Analysis, of French tradition, in Foucault's base, and studies on political speech, memory and media (COURTINE, 2011; Pêcheux, 1999; Gregolin 2007; 2008); identities are also discussed, from the perspective of Cultural Studies (Bauman 2005; HALL, 2006). We, methodologically, selected texts on the Flávio Dino 2014 election campaign: a cartoon published on O Estado newspaper; a television interview with Mirante network and a video of Flávio Dino's election campaign; the first and the last video of his electoral propaganda entitled *Carta aos Maranhenses and Carta dos maranhenses*, respectively. We delimited the corpus contemplating the "regularity" of the emergence of "communism" theme in these texts, to focus our reading. The analyzes show that, in an interview, the regularity of speeches about Flávio Dino is in the construction of an opposition between the communist and christian identities, and these candidate conditions mobilizes a memory for compatible communism with the possibilities brought to the identities in post-modernity. We also realize that candidate's free electoral propaganda has the presence of a communism memory related to the building of an egalitarian society with goods and riches accessible to all.

Keywords: Discourse. Politics. Flávio Dino. Communism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Descrição do aplicativo Flávio Dino 65, 2014.....	31
Figura 2: Aplicativo Flávio Dino 65, 2014	32
Figura 3: Charge Cabalau.....	38
Figura 4 PROPAGANDA. Pôster de 1947 - O líder soviético Josef Stalin com uma criança ao colo, glorificando o "futuro radioso das crianças sob o comunismo."	40
Figura 5 Cartaz italiano - "PAPA, SALVAMÍ!".....	41
Figura 6: Notícia sobre a entrevista no site da revista Carta Capital.....	48
Figura 7: Notícia sobre a entrevista no site da revista Fórum.	48
Figura 8: Entrevista: discurso direto.....	55
Figura 9: Entrevista: "eu sou candidato de nove partidos".....	57
Figura 10 Imagem de Lobão reproduzida no blog do PMDB	62
Figura 11: Carta aos Maranhenses – Panfleto.	63
Figura 12: Mãos - Uma carta pela Mudança do Maranhão.	64
Figura 13: Pescador - Uma carta pela Mudança do Maranhão.....	65
Figura 14: Flávio Dino emocionado.....	66
Figura 15: "Vejo uma terra tão linda".	67
Figura 16: Campanha Flávio Dino 2010.	68
Figura 17: "Fazendeiro" - Uma carta pela Mudança do Maranhão.....	68
Figura 18: "Carta aos Maranhenses".	70
Figura 19: "Carta dos Maranhenses".	71
Figura 20: "O povo é que vai ser rei".	72
Figura 21: "O caminho foi o diálogo"	73
Figura 22: Livro "Derrubando Golias"	74

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I	18
1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS: discurso, história e memória.....	18
1.1 Análise do discurso francesa: constituição e conceitos basilares	18
1.2 Sobre imagens e transformações: a Semiologia Histórica.....	25
1.3 Mídias, identidades e transformações do discurso político	28
CAPÍTULO II	34
2 COMUNISMO NA HISTÓRIA	34
2.1 O (s) comunismo(s) das ideias e das revoluções	35
2.2 Rastreamento a história do Comunismo no Brasil e no Maranhão	43
2.3 “O Maranhão é de todos nós”: trajetória do “candidato comunista” no Maranhão	46
CAPÍTULO III	50
3 ANÁLISES DA DISCURSIVIZAÇÃO DO CANDIDATO	50
3.1 “Flávio Dino fala sobre alianças políticas no JMTV2”	51
3.2 Imagens do candidato na mídia	58
3.3 <i>Uma carta pela mudança do Maranhão</i>	62
3.4 “O Povo é que vai ser rei”: memória do comunismo na campanha	70
CONCLUSÕES	76
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	79
SITES CONSULTADOS	81

1 INTRODUÇÃO

Ao mesmo tempo em que somos cerceados pela objetividade fundamental à construção e desenvolvimento de uma pesquisa de mestrado, o que é perceptível através da eleição de nosso campo de estudos, a Análise do Discurso francesa (AD), associada às contribuições de Michel Foucault acerca da formação e circulação dos discursos, somos também levados a nos maravilhar e escolher um objeto de pesquisa dentro das inúmeras possibilidades que se abrem aos nossos olhos de pesquisadores, no interior dessa área transdisciplinar. E esta dissertação é mais um fruto desses caminhos que traçamos e discussões que nos instigaram em outros momentos, ainda na graduação, durante reuniões e apresentações de trabalhos do Grupo de Pesquisa em Linguagem e Discurso (GPELD-MA), do Departamento de Letras da Universidade Federal do Maranhão. O GPELD é um marco na história das pesquisas em AD no curso de Letras da UFMA, assim como também é uma marca deixada, desde a iniciação científica, em nossa vida de pesquisa acadêmica que inicialmente, na graduação, voltou-se para a investigação do discurso publicitário. Agora o que buscamos com esta pesquisa de mestrado foi um caminho para uma expansão de conhecimentos, dentro do que a AD pode nos proporcionar, aventurando-nos pelo discurso político e pelo tema do comunismo.

Mas antes de apresentarmos este trabalho, é preciso dizer que pensar sobre o discurso comunista no campo da Análise do Discurso (AD) não é uma novidade. É antes uma revisitação aos primeiros momentos dos estudos desta área, no qual as pesquisas tratavam em sua maioria de movimentos políticos de esquerda, daí o motivo do título da pesquisa servir também como um “tributo” ao trabalho de Courtine, intitulado *Análise do Discurso Político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*, resultado de sua tese de doutorado, publicado na França em 1981 e no Brasil em 2009, pela Edufscar. Tal tema ainda é permeado por polêmicas, consensos e conflitos que, vez ou outra, irrompem na mídia, como na entrevista que é parte do nosso *corpus* e que nos chamou a atenção para a construção desta pesquisa.

Foi a partir do debate sobre o comunismo, em um programa de televisão local, entre um entrevistador e um candidato ao governo do Maranhão, que iniciamos uma observação mais atenta e a elaboração de um projeto interessado em entender a produção e circulação social de sentidos que emergiram na mídia a partir da associação do candidato Flávio Dino a uma memória do comunismo.

No cenário cultural e politicamente efervescente da França dos anos 60, linguistas e filósofos da linguagem deram início às reflexões sobre um campo teórico que serviria tanto como uma ferramenta para investigação dos sentidos, quanto como uma forma de intervenção nos protestos políticos. Nesse primeiro momento do qual falamos anteriormente, a Análise do Discurso (AD) se constituiu como um campo de articulação entre Linguística, Marxismo e Psicanálise que vinha sendo pensada por intelectuais, em sua maioria militantes de partidos de esquerda, que nutriram um interesse especial pela investigação dos efeitos de sentido produzidos a partir das campanhas políticas da época, feitas principalmente através dos pronunciamentos públicos e panfletos.

Em anos de transformações sociais destacamos aqui aquelas resultantes do processo de globalização e do desenvolvimento das tecnologias de comunicação, posto que foram mudanças fundamentais para que a comunicação política fizesse o caminho do palanque à TV e outras mídias. Courtine (2011) aponta a televisão como “agente mais visível” das mutações operadas sobre a cena política contemporânea. Ainda segundo o autor, na década de 80 há a confirmação dos novos poderes da aparência, já nos anos 90 há a transformação da convicção em uma certeza de que uma imagem, um gesto vale mil palavras no espetáculo político.

A “sociedade do espetáculo” designa um conceito pensado inicialmente por Guy Debord (1997), em livro homônimo. O autor construiu este conceito a partir de sua reflexão crítica, de base marxista, sobre as manifestações espetaculares da sociedade moderna. A sociedade, segundo Debord (1997), é marcadamente alienada e dominada pela lógica mercadológica e o “espetáculo” funciona como um mecanismo de manipulação e conformismo político. Também é o espetáculo que tem construído as necessidades de consumo na sociedade e tem destituído as relações sociais de seu caráter natural e autêntico, transformando-as em um reino de aparências:

Não é possível fazer uma oposição abstrata entre o espetáculo e a atividade social efetiva: esse desdobramento também é desdobrado. (...) A realidade surge no espetáculo, e o espetáculo é real. Essa alienação recíproca é a essência e a base da sociedade existente. (DEBORD, 1997, p.15).

Essa impossibilidade de desmembramento entre o que é “real” e o que é produzido é o que caracteriza a “sociedade do espetáculo”, uma sociedade na qual todas as relações são mediadas por imagens.

Piovezani (2003) delinea um panorama sobre o advento, a caracterização da pós-modernidade e as conseqüentes mudanças na economia e na cultura para explicar como o

termo “espetáculo” passou a ser pensado no espaço das discussões sobre política. O autor aponta a “espetacularização” como um conjunto de mudanças que se estabeleceram no campo político: “A política ‘espetacularizou-se’, inseriu-se, com efeito, nos padrões midiáticos pós modernos: ‘o espetáculo político’, nos termos de Jean-Jacques Courtine.” (PIOVEZANI, 2003, p.51). Ele equipara a ideia de “espetáculo político”, tal como usado por Courtine, à ideia de Chauí (1992) de que o espaço público teria passado à condição de marketing ou “merchandising”. Isso porque nos termos de Courtine, a mídia política é entendida como “espetáculo” por ter a “teatralidade” como marca, tanto em sua forma clássica, quanto contemporânea: “O teatro tornou-se uma categoria anacrônica para compreender a representação política”. (COURTINE, 2003, p.31).

É a partir dessas transformações (apresentadas no capítulo I deste trabalho) que os estudiosos da Análise do Discurso, através de muitos debates teórico-metodológicos, percebem e pensam a necessidade de fazer funcionar uma AD que considere o sincretismo do discurso político contemporâneo inserido em novas práticas de comunicação audiovisual. Essas mutações nas formas de produção, divulgação e circulação do discurso político no contexto específico do Brasil teve como pano de fundo a transição da repressão ditatorial vivida no país à abertura política, em meados dos anos 70. Nesse contexto de uma sociedade midiática na qual a política se apresenta como um verdadeiro espetáculo de embates discursivos, observamos nesta pesquisa a espetacularização gerada pela mídia acerca de um acontecimento: a participação de Flávio Dino, do Partido Comunista do Brasil (PCdoB), nas eleições estaduais de 2014 no Maranhão.

Esse ano veio a ser o último ano do governo de Roseana Sarney, que havia sido vitoriosa nas eleições de 2010, logo após ter voltado ao cargo em 2009 por decisão do Tribunal Superior Eleitoral que destituiu do poder o então governador Jackson Lago por denúncias de irregularidades durante as eleições de 2006. O cenário político-eleitoral maranhense de 2014 foi marcado pelo embate dos candidatos que figuravam à frente da disputa: Edison Lobão Filho, do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), apoiado pela então governadora, e Flávio Dino, do PCdoB. Flávio Dino já havia sido candidato a governador do estado em 2010, também pelo PCdoB, quando perdeu as eleições em primeiro turno para Roseana Sarney; já em 2014 o candidato angariou novas alianças com partidos de oposição e ex-aliados ao governo do estado, o que indicava uma maior expectativa de vitória.

Durante o período eleitoral as propagandas políticas, notícias e entrevistas com os candidatos ao governo do estado do Maranhão colocaram em discussão alguns temas que estavam mais em evidência, como a segurança pública, tendo em vista o recente destaque nacional e internacional dado à crise no Complexo Penitenciário de Pedrinhas¹; a mudança de governo, em razão da luta que os candidatos de oposição assumiam como apelo para o fim da chamada “oligarquia”, referente ao duradouro comando da família Sarney no estado; e aqueles temas que mais chamaram atenção para a investigação que aqui propomos analisar: comunismo. Este tema tornou-se bastante produtivo na mídia em razão da presença de um candidato do Partido Comunista do Brasil no pleito. Apesar de já ter tido destaque nacional por outros papéis políticos como os de deputado federal e ex-presidente da Empresa Brasileira de Turismo (Embratur), Flávio Dino apareceu na mídia por diversas vezes através de suas próprias entrevistas, debates e nas campanhas de seus opositores sendo identificado como “o comunista”.

No cenário político-eleitoral de 2014 no Maranhão, a identidade do candidato do PCdoB como comunista não aparecia como um destaque de sua propaganda política, mas, ao mesmo tempo, era evidenciada pelo candidato em alguns momentos, por exemplo, logo após a vitória nas eleições: “‘Ele homenageou o pai, Sálvio Dino, 84, que teve o mandato de deputado estadual cassado em 1964 ‘sob a acusação de ser comunista’. ‘Nós vencemos, pai, os comunistas venceram.’” (CAMPANHA, 2014); ou também em entrevistas e debates nos quais o candidato viu-se apresentado através das palavras do entrevistador/opositor como um “comunista do mal”, ateu.

Assim, Flávio Dino apareceu em alguns jornais, blogs e nas campanhas de seus adversários políticos como um “comunista do mal”, sem religião, enquanto em sua campanha e em jornais de esquerda apareceu por vezes como um “comunista cristão”. Essa associação

¹ O Complexo Penitenciário de Pedrinhas é um complexo de segurança máxima localizado em São Luís (MA). Segundo relatório intitulado *Violação continuada: dois anos da crise em Pedrinhas*, a instituição foi criada e erguida já de forma precária durante a ditadura militar, em 1965, quando recebeu o nome de “Penitenciária Agrícola de Pedrinhas”. Seu crescimento durante as últimas quatro décadas transformou o presídio em um complexo que engloba outras sete penitenciárias. A quantidade de vagas também aumentou, são 1945 vagas que ainda estão longe de ser o suficiente para os mais de 3 mil detentos que se encontram hoje encarcerados. Entre outubro de 2013 e janeiro de 2014, ano de eleições, aconteceram “uma série de rebeliões em diferentes unidades prisionais do complexo, resultando na morte de 22 presos. Alguns decapitados. As imagens ganham imensa repercussão no Brasil e no mundo, chamando atenção para a realidade carcerária do País.” (CONNECTAS; JUSTIÇA GLOBAL; OAB; SMDH, 2016). Em janeiro de 2014 a então governadora Roseana Sarney respondeu à solicitação de informações da Procuradoria Geral da União (PGR) e aceitou pedido de ajuda expedido pelo Ministério da Justiça. Na ocasião, Roseana culpou o judiciário quanto ao grande número de presos provisórios e o judiciário culpou o executivo pelo número de vagas insuficiente no complexo.

de Flávio Dino à memória de um “comunismo do mal” provocou efeitos no discurso do candidato Lobão Filho, por exemplo, que encerrava sua fala nos debates televisivos, fazendo os agradecimentos em forma de oração.

Essa observação de retomadas de discursos sobre o comunismo nos revela a importância de construirmos um trabalho com um olhar atento à questão da memória discursiva, pensando sempre como os textos analisados estabelecem ligações com textos anteriores e exteriores (e até posteriores), por meio das vozes de outros enunciadores que são retomadas e reformuladas.

A partir da observação dos jogos identitários no cenário político maranhense durante as eleições de 2014, esta pesquisa se propõe investigar efeitos de sentido produzidos pela propaganda político-eleitoral de Flávio Dino, na mídia, durante as eleições de 2014, a partir da associação do então candidato à memória do comunismo.

Nesta investigação procuraremos perceber as condições sócio-históricas nas quais esse discurso emerge, considerando continuidades e rupturas que existem em torno do tema comunismo, avaliando-se, sobretudo, questões concernentes à relação entre mídia e eleições na pós-modernidade. Propomos, dentro dessa reflexão, identificar as posições sujeito da campanha eleitoral de Flávio Dino e como elas funcionam, junto a outros mecanismos, na produção de relações ora tranquilas, ora polêmicas que cruzam o discurso político. Sendo assim, esta dissertação será guiada pelas seguintes questões que resumem a problemática em relação ao tema proposto: que comunismo emergiu na campanha político-eleitoral de Flávio Dino? Como a memória do comunismo emergiu na campanha desse candidato? Quais efeitos de sentido emergem dos mecanismos discursivos que constituem o discurso político-eleitoral desse candidato do PCdoB?

Como objetivos específicos buscamos: construir, com base no aparato teórico-metodológico da análise do discurso francesa, um dispositivo de análise para a investigação dos efeitos de sentidos que emergiram na campanha eleitoral de Flávio Dino em 2014; refletir sobre os conceitos de comunismo e sobre a inserção de Flávio Dino na política maranhense; e investigar as condições de possibilidade da emergência e mecanismos linguístico-discursivos do discurso político eleitoral com a associação do candidato ao comunismo a partir de um domínio de memória.

Por ser um campo de estudos extremamente rico e transdisciplinar, a Análise do Discurso (AD) se expandiu à medida que as sociedades se transformaram social, econômica e culturalmente, e passou a abranger diversos acontecimentos discursivos (religiosos, culturais, mitológicos, etc.) em diferentes materialidades (verbais e não-verbais). O desenvolvimento e expansão da mídia (impressa e eletrônica), dos veículos de comunicação em massa (TV, celular, internet) e das instituições modernas, fez insurgir uma reorganização espaço-temporal que possibilitou aos sujeitos sócio-históricos uma mobilidade discursiva singular.

Nesse contexto de uma sociedade midiática que tem produzido textos sincréticos nos quais, por muitas vezes, as imagens tomam um lugar central, a AD encontra um vasto campo de possibilidades de investigações. Conforme Gregolin (2007a, p. 13), “os campos da AD e dos estudos da mídia podem estabelecer um diálogo extremamente rico”. A autora propõe um diálogo entre os estudos da mídia e o campo da AD já que o objetivo deste é entender a produção social dos sentidos, por meio de materialidades (verbais ou não-verbais) instauradas por sujeitos históricos.

A sociedade midiática vivencia uma “modernidade líquida” (BAUMAN, 2005), em que tudo é efêmero, descartável e se modifica rapidamente, constituindo, assim, um fenômeno que se tornou realidade em razão de toda uma reorganização do espaço, do tempo e das “velhas” instituições culturais, operada pela globalização. É a partir dessas discussões da relação da mídia com a produção de sentidos que buscaremos verificar o funcionamento do discurso sobre o comunismo a partir da campanha-política do ex-candidato, e atual governador do Maranhão, Flávio Dino.

A pesquisa é qualitativa, bibliográfica e documental, com metodologia voltada para coleta de textos da campanha eleitoral desse candidato, no ano de 2014. Dessa forma, os *corpora* da pesquisa se constituem de diferentes materialidades discursivas: uma charge de autoria do chargista Cabalau, publicada no dia 10 de agosto de 2014, no jornal O Estado; uma entrevista televisionada pelo JMTV2 (Rede Mirante), em 22 de agosto de 2014; a peça publicitária composta por vídeo e panfleto intitulada *Uma carta pela mudança do Maranhão*, veiculada na TV, no Youtube e distribuída pelas casas maranhenses como parte do material de campanha eleitoral de Flávio Dino; o último vídeo da campanha do candidato, intitulado *Carta dos Maranhenses*, também veiculado na TV e internet; e um texto publicado no site do PMDB, partido de Lobão Filho, publicado em 30 de setembro de 2014. A delimitação dos *corpora* teve como critério a abordagem do tema comunismo, dessa forma, selecionamos

textos da campanha publicitária e textos que foram publicados durante a campanha eleitoral 2014 que falavam sobre o candidato Flávio Dino e que ao mesmo tempo abordavam essa temática.

Para a análise desses *corpora* utilizamos princípios teóricos da Análise do Discurso francesa, com reflexões sobre a formação e circulação dos discursos seguindo bases foucaultianas, além dos métodos utilizados nas pesquisas em Semiologia Histórica, atualmente desenvolvidos no Brasil a partir dos trabalhos de Courtine (PIOVEZANI FILHO; CURCINO & SARGENTINI, 2011).

A realização desta pesquisa encontra sua relevância social na compreensão da complexidade das relações sociais e das trocas simbólicas contemporâneas que permeiam os jogos políticos no Maranhão, assim como no entendimento da memória do comunismo no estado. Além disso, a discussão aqui desenvolvida também contribui com reflexões acerca da articulação dos mecanismos linguísticos, discursivos e de diferentes linguagens (verbais e não-verbais; reais e virtuais) na intensa construção de sentidos no âmbito da política.

O trabalho é composto por três capítulos. No primeiro, intitulado *Pressupostos teóricos: discurso, história e memória*, apresentamos as bases do aporte teórico-metodológico desta pesquisa e discutimos o que são e como se constituem historicamente as identidades nas sociedades pós-modernas, além de avaliarmos o papel da língua(gem), do discurso e da mídia nesse processo. Buscamos discutir os conceitos da Análise do Discurso, Semiologia Histórica e dos Estudos Culturais fundamentais para o desenvolvimento das análises propostas em nosso trabalho.

Já no segundo capítulo, *Comunismo na história*, apresentamos uma discussão sobre a produção histórico-discursiva de diversos conceitos de comunismo através da história, com base em obras diversas de historiadores, jornalistas e cientistas sociais. Também aproveitamos esta discussão para iniciarmos a construção de nossas análises.

Por fim, no terceiro capítulo, temos *A análise da discursivização do candidato*, sendo que nossos *corpora* são compostos por diferentes materialidades discursivas, nas quais buscamos o que os sujeitos dizem e como discursivizam a memória do comunismo na campanha eleitoral de Flávio Dino, em 2014.

É importante destacar que pensamos neste trabalho como um representante de apenas uma parte do que pode ser dito sobre o comunismo e sua memória no Maranhão, através da

análise discursiva de uma campanha eleitoral de um candidato do Partido comunista do Brasil. O arquivo político midiático acerca da candidatura de Flávio Dino ao governo do estado do Maranhão, em 2014, é inapreensível em sua totalidade. Cientes disso, ressaltamos que não pretendemos e nem poderíamos dar conta dessa dispersão discursiva integralmente.

CAPÍTULO I

1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS: discurso, história e memória

Neste primeiro capítulo, apresentamos as bases teórico-metodológicas desta pesquisa, que se sustentam no princípio da arqueogenealogia, de Michel Foucault (2008), e discutimos conceitos, como memória e interdiscurso. Ainda, discutimos o que são e como se constituem as identidades nas sociedades pós-modernas, além de avaliarmos o papel da língua(gem) e da mídia nas transformações dos discursos políticos e as contribuições da Semiologia Histórica para as análises de discursos em linguagem sincrética.

Em um primeiro momento, traçamos então um breve histórico da constituição da Análise do Discurso a fim de visualizarmos a importância dos trabalhos de Pêcheux para as pesquisas sobre o discurso político em sua relação com as mídias na atualidade.

1.1 Análise do discurso francesa: constituição e conceitos basilares

A Análise do Discurso emergiu na França da década de 60, momento efervescente do pensamento francês e das transformações políticas e culturais. Durante este período, lembrado como a “década da contestação”, principalmente, pelos movimentos sociais deflagrados a partir do “maio de 68”, Paris era tida como capital intelectual da Europa, por ter em seu território grande parte dos pensadores do continente como Lévi-Strauss, Lacan, Benveniste, Foucault e Pêcheux.

As discussões iniciais sobre este campo teórico foram desenvolvidas por linguistas e filósofos da linguagem, que eram, em sua maioria, militantes de partidos de esquerda que se interessavam especialmente pelo discurso político. Dentre eles destaca-se Pêcheux, que além de ter concluído sua graduação em filosofia naquele momento (1963) havia participado de círculos políticos e entrado em contato com intelectuais de diversas áreas como a psicologia, história e linguística (MALDIDIER, 2003).

Pêcheux é essencial para o entendimento da constituição da AD em sua fase inicial, que tinha esse caráter duplo de ferramenta de investigação dos sentidos, e de prática de intervenção nos protestos do cenário político francês. A partir de sua *Análise automática do discurso* (AAD69) propôs em suas obras um projeto de AD que entendesse o discurso como a materialização da ideologia na linguagem. Dessa forma as palavras poderiam mudar de sentido

de acordo com o espaço ideológico e discursivo nos quais os sujeitos que as enunciam se inscrevem. Desse modo, o discurso, para a AD, é efeito de sentido, pois é o resultado da interlocução entre sujeitos que vivem em sociedade, que estão inseridos na história e que recorrem à língua(gem) para significar.

Essa natureza complexa de seu objeto de estudos explica o caráter transdisciplinar desse campo de estudos, que inicialmente teve de buscar a confluência de três diferentes e complementares áreas do saber: uma teoria da história, mais especificamente do materialismo histórico, centrada nas releituras que Althusser fez das obras de Marx, para explicar as trans(formações) sociais, já que é na/pela história que buscamos observar as condições de produção dos discursos; uma teoria da psicanálise, advinda das releituras que Lacan fez das teorias freudianas, para explicar a noção de sujeito e como este, em sua relação com o simbólico, é afetado pelo inconsciente e pela ideologia; e uma teoria da linguística, partindo das releituras de Saussure, para explicar a linguagem e os processos de enunciação, já que a AD, tal como pensada por Pêcheux, trabalha essencialmente com elementos linguísticos.

É importante observar essa característica da AD de matiz pecheutiana. Ela reserva-se ao trabalho com o linguístico. Somente em seus últimos trabalhos, *O papel da memória e Discurso, estrutura ou acontecimento?*, publicados pela primeira vez na França, em 1983, é que Pêcheux elaborou importantes reflexões sobre a importância das materialidades não verbais.

As relações entre as contribuições de Foucault e Pêcheux para a constituição da AD são marcadas por diálogos e duelos teóricos (GREGOLIN, 2005). Foucault se aproxima dos estudos do discurso à medida em que se interessa não pela língua(gem) em si, mas por suas possibilidades, por aquilo que é permitido produzir em sua utilização. Ou seja, seu interesse é pelo discurso, pois é através do discurso que ocorrem as escolhas e as combinações dos próprios signos linguísticos.

Segundo a proposta foucaultiana: “é o enunciado que faz existir tais conjuntos de signos e permite que a essas regras e a essas formas se atualizem” (FOUCAULT, 2008, p. 110). O discurso é então o que autoriza/limita a série de desempenhos possíveis da língua, e é aí que se inscreve o foco de sua pesquisa discursiva, voltada para entender algo anterior até mesmo à materialização do discurso, que é questão de seu acontecimento, para entender a construção dos enunciados e as condições que permitem sua emergência singular.

A concepção foucaultiana de discurso refere-se a um “número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência” (FOUCAULT, 2008, p.132-133), ou seja, o discurso é formado por um conjunto de enunciados (suas unidades mínimas) pertencentes a uma mesma formação discursiva (FD). Enunciado e Formação Discursiva são conceitos nucleares para este trabalho, já que buscamos empreender uma análise da produção e circulação do discurso político-eleitoral de Flávio Dino, de modo a preservar a articulação entre a materialidade do discurso e sua historicidade.

O conceito de formação discursiva (FOUCAULT, 2008) refere-se ao que pode ser dito em uma época, em um espaço social determinado, ao que tem lugar e realização através de condições de produção específicas e historicamente definidas.

Construir uma análise discursiva procurando entender as FDs proporciona ao analista a possibilidade de explicitar como cada enunciado tem o seu lugar e sua regra de aparição, como as estratégias que o produzem derivam de um mesmo jogo de relações, e como um dizer tem espaço em um lugar e em uma época específica. (FERNANDES, 2007)

O conceito canônico de FD (HAROCHE, HENRY, PÊCHEUX apud GREGOLIN, 2007b, p.2) está intimamente relacionado com a ideia de formações ideológicas:

[...] as formações ideológicas comportam, necessariamente, como um de seus componentes, uma ou mais formações discursivas interligadas, que determinam aquilo que se pode e se deve dizer (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.) a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada.

Para Pêcheux, o discurso também é o lugar material onde se realizam as ideologias. Um dos princípios de funcionamento da noção de FD é o pré-construído que, segundo Paul Henry (apud PÊCHEUX, 2010, p.89), é “o que remete a uma construção anterior, exterior, mas sempre independente, em oposição ao que é ‘construído’ pelo enunciado. Trata-se, em suma, do efeito discursivo ligado ao encaixe sintático”.

Segundo Foucault (2010), a produção discursiva se dá dentro de um sistema de controle e delimitações que acontecem por meio de três principais procedimentos: separação, interdição e a vontade de verdade. É assim que nos inserimos em um conjunto de regras e regimes de verdade, que são instaurados historicamente e funcionam para reforçar as verdades de um momento. Dessa forma, quando nos inserimos nesta ordem do discurso, estamos sempre nos filiando a determinadas regras e expondo relações que correm dentro de um discurso.

A noção de enunciado também é aqui pensada a partir das propostas de Foucault, que chama a atenção para que não se confunda a ideia de enunciado a de uma frase, ou de uma proposição ou ato de fala (speech act), pois ele se constitui como: "uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço" (FOUCAULT, 2008, p. 98).

Os enunciados, então, como irrupções históricas dos acontecimentos discursivos em suas singularidades, que não se esgotam nem na língua, nem em seu sentido (FOUCAULT, 2008), estarão sempre filiados às relações históricas que o perpassam e a um campo de memória, o que permitirá a existência de ligações, transferências e identificações.

Compreender o enunciado como acontecimento discursivo é fazer aparecerem os mecanismos que possibilitam o estabelecimento de certos sentidos, e para este trabalho, é necessário pensar o discurso como uma produção de enunciadores e de uma dado momento histórico.

A partir do conceito foucaultiano de discurso, anteriormente citado, podemos entender ainda o enunciado como unidade mínima dos acontecimentos discursivos, que emerge sempre em conexão com outros enunciados e pertencem a uma mesma formação discursiva: "um enunciado tem sempre margens povoadas de outros enunciados" (FOUCAULT 2008, p. 112). O que quer dizer que todo enunciado dialoga com outros enunciados, eles nunca são elementos autônomos, sendo assim, sempre se encontram inscritos em uma rede. Relacionam-se com enunciados que os precedem e produzem a irrupção de novos enunciados, que irão aparecer, nas vozes de vários enunciadores sendo retomados, reformulados, desdobrados.

A emergência desses enunciados interconectados que produzem efeitos de sentido, constituindo as Formações Discursivas, é o que chamamos de acontecimento discursivo. Para Foucault:

Por mais banal que seja, por menos importante que o imaginemos em suas consequências, por mais facilmente esquecido que possa ser sua aparição, por menos entendido ou mal decifrado que o suponhamos, **um enunciado é sempre um acontecimento** que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente. Trata-se de um acontecimento estranho, por certo: inicialmente porque está ligado, de um lado, a um gesto de escrita ou à articulação de uma palavra, mas, por outro lado, abre a si mesmo uma existência remanescente no campo de uma memória, ou na materialidade dos manuscritos, dos livros e de qualquer forma de registro; em seguida, porque é único como todo acontecimento, mas está aberto à repetição, à transformação, à reativação. (FOUCAULT, 2008, p. 32)

Ao investigar essa possibilidade de atualização dos enunciados e a relação que um enunciado mantém com outros, torna-se possível localizar quais formulações um discurso reproduz, transforma ou nega. O interdiscurso é justamente o espaço no qual são produzidos e atualizados os elementos de saber das FDs, por isso, o interdiscurso “pode ser apreendido como o que regula o deslocamento de suas fronteiras” (COURTINE, 2014, p. 100). Assim, é nele que se abrigam todos os sentidos possíveis que já foram produzidos.

Toda produção discursiva faz circular formulações anteriores, [...] porque ela possui em seu **domínio associado outras formulações que ele repete, refuta, transforma, denega...** Isto é: em relação às quais esta formulação produz efeitos de memória específicos. (COURTINE, 2014, p.52, grifo nosso)

Pêcheux trabalha com a ideia de interdiscurso, estabelecendo neste ponto um diálogo com as teorias de Foucault, no período de 1980-83, durante o qual o autor repensou seus escritos, ora os confirmando, ora os retificando. É em sua obra intitulada *Leitura e Memória: projeto de pesquisa* que este autor, dentre outros temas, aborda a questão da *memória discursiva*, que chegava até ele via Courtine (MALDIDIER, 2003). A partir da ideia de *exterioridade da memória*, da parte do enunciado que é exterior ao sujeito enunciadador, que Pêcheux constrói sua ideia de memória.

[...] memória como estruturação de materialidade discursiva complexa, estendida em uma dialética da repetição e da regularização: a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível. (PECHÊUX, 1999, p.52).

Ou seja, para trabalhar a memória da perspectiva da AD não podemos considerá-la como uma proposta de uma memória psicológica individual. Tal como Courtine corrobora, o:

“termo ‘memória discursiva’ é distinto de toda memorização psicológica do tipo daquela cuja medida cronométrica os psicolinguístas se dedicam a produzir ([...] sobre os processos cognitivos implicados na memória dos textos). A noção de memória discursiva diz respeito à *existência histórica do enunciado* no interior de práticas discursivas”. (COURTINE, 2014, p.105-106)”.

Trata-se antes de uma memória discursiva que é social, inserida em práticas e efeito da presença do interdiscurso no acontecimento discursivo. Por isso é preciso considerar que todo dizer carrega uma memória, um *já-lá*, que determina como os discursos devem circular.

Essa noção de *memória discursiva*, tal como cunhada por Jean-Jaques Courtine, em 1981, aparece em seus já citados estudos do discurso político, e foi desenvolvida a partir da leituras que este autor fez das reflexões de Foucault sobre o enunciado. Por isso, este conceito está intimamente ligado ao de “domínio de memória” desenvolvido por Foucault. Courtine referencia a obra foucaultiana como sua fonte para utilização dos termos “domínio de memória”, “domínio associado” e “domínio de atualidade”, porém ressalta: “demos a eles aqui um valor sensivelmente diferente”. (COURTINE, 2014, p. 111).

O domínio de atualidade “refere-se a um “conjunto formado de sequências discursivas que coexistem com a sdr² em uma conjuntura histórica determinada” (COURTINE, 2014, p. 112), enquanto o domínio de antecipação é “um conjunto de sequências discursivas que sucedem à sdr” (COURTINE, 2014, p. 113). Ambos são descritas por Courtine como domínios relacionados ao domínio de memória.

Já o “domínio associado”, no qual pensa Courtine na esteira do conceito de campo enunciativo de Foucault, é entendido por uma rede de formulações que podem transformar uma sequência de elementos linguísticos em enunciado: “uma seqüência de elementos linguísticos só é enunciado se estiver imersa em um campo enunciativo em que aparece como elemento singular” (FOUCAULT, 2008, p. 124).

Na terceira característica da função enunciativa n’A *Arqueologia* é que Foucault (2008) descreve mais detalhadamente o conceito de “campo enunciativo”, para o qual designa três formas de coexistência. A primeira é nomeada como “campo de presença”, um espaço dos enunciados já produzidos e aceitos como verdade. Logo depois o autor conceitua o “campo de concomitância” como enunciados de discursos diferentes e que falam de objetos diferentes mas que estabelecem alguma relação com os enunciados da análise. E também há um “campo de memória” que, ao contrário do “campo de presença”, relaciona-se aos enunciados que não são mais entendidos como verdade, mas com os quais outros enunciados formam “laços de filiação, gênese, transformação, continuidade e descontinuidade histórica” (FOUCAULT, 2008, 54-55)

Sobre essas formas de circulação e constituição da memória, a perspectiva foucaultiana aponta ainda que memória é uma história construída pelo poder, por isso ela também é esquecimento, pois existem vontades de verdade que ditam o que é necessário ser lembrado e o que não é. (FOUCAULT, 2008).

² “Sequência discursiva de referência” (COURTINE, 2014)

Destas noções decorre também a noção de heterogeneidade das Formações Discursivas, que permite pensar os sentidos em meio a contradições, às oposições, analisando relações que estabelecem entre si. O questionamento central é: quais foram as condições que possibilitaram o aparecimento de um determinado enunciado e não outro em seu lugar? (FOUCAULT, 2008, p. 31).

O princípio da *arqueologia* (FOUCAULT, 2008), que guia a construção de nossas análises, nos orienta a considerar o discurso também como uma dispersão de elementos, em diferentes textos de diversas materialidades, em distintos momentos da história, que não têm um princípio de ligação, de unidade.

Trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui. (FOUCAULT, 2008, p. 31).

Este é então, segundo Foucault, o trabalho do analista, compreender um acontecimento³ que só pode ter seus sentidos apreendidos através da reconstituição das condições que possibilitaram sua emergência. E, apesar da impossibilidade de apreender uma dispersão em sua totalidade, os discursos são determinados por certa regularidade que precisa ser investigada e compreendida, pois essa regularidade permite que um discurso apareça como verdadeiro.

Atualmente a AD se configura como um campo de saber interdisciplinar que tem desenvolvido como característica um exercício de autorreflexão constante, o que torna possível ao pesquisador a busca pela compreensão dos diversos acontecimentos discursivos (políticos, religiosos, culturais, etc.) em diferentes materialidades (verbais e não-verbais).

Essa configuração contemporânea da AD deve-se em muito às ideias de estudo de novas materialidades propostas nos trabalhos de Jean-Jacques Courtine, a partir de 1981. Pêcheux, já em seus últimos trabalhos, viabilizou essas transformações teóricas no campo da AD fazendo seu exercício de reflexão e autocrítica teórica, como o apresentado no prefácio da tese de Courtine, o famoso *O estranho espelho da Análise do Discurso*. Neste texto Pêcheux, a partir de uma revisão de seu conceito de FD e apoiando-se nas leituras que Courtine fazia de

³ Foucault entende o “acontecimento como irrupção de uma singularidade histórica” (REVEL, 2005, p.14).

Foucault, foi estabelecendo um diálogo teórico com este último autor e corroborando sua percepção da alteridade e da natureza heterogênea dos discursos. (GREGOLIN, 2005)

Essas reformulações teóricas foram importantes de forma particular no campo da Semiologia Histórica. E é sobre essa discussão de teorias semiológicas, dentro do campo da AD, que viabilizam análises das mais diversas materialidades discursivas, sem deixar de considerar as construções e transformações históricas, que tratamos no tópico seguinte.

1.2 Sobre imagens e transformações: a Semiologia Histórica

Os debates sobre a teoria da Análise do Discurso, sobre seus conceitos básicos e sobre “validade” das análises produzidas com base nesse campo teórico nunca cessaram. Em razão das inúmeras discussões feitas em trabalhos acadêmicos e apresentados em congressos/fóruns/colóquios, emergiu a necessidade de buscar recurso em outros lugares teóricos a fim de dar conta dos objetos de estudo.

Inicialmente, como abordado no tópico anterior, o objeto da AD era basicamente o discurso político, analisado através da materialidade verbal dos panfletos, dos pronunciamentos públicos. Porém, com o passar dos anos e com as diversas transformações ocorridas globalmente, especialmente no campo das comunicações, os discursos ganharam outras formas e outros espaços de circulação e produção; assim, as análises se multiplicaram e essas novas materialidades discursivas tiveram de ser problematizadas dentro da AD.

Para Sargentini (2011), devido à diversidade de dispositivos materiais utilizada nas campanhas eleitorais, a análise dos discursos políticos não mais pode se deter apenas ao enunciado verbal. A materialidade da linguagem e a forma de mediatização, ou circulação do discurso também produzem sentido. Daí a necessidade de convocar teorias semiológicas para dar conta da variedade de materialidades que surgem: e como abarcar todas essas especificidades semiológicas sem perder-se da dimensão social, histórica e cultural, bem como da problematização do sujeito?

Sobre a noção de Semiologia, Saussure (2006) apresenta no *Curso de Linguística Geral* uma breve explicação, postulando-a como uma ciência geral dos signos, sendo a Linguística uma de suas áreas integrantes. Releituras de Saussure nas décadas de 1960/70 possibilitaram um redirecionamento em relação a esta concepção; já para Barthes (1975) a realidade é o oposto, o autor acredita que a Semiologia é que é parte da Linguística.

As análises sobre a produção e circulação de discursos na sociedade atual já têm dado especial atenção à relação entre discurso, semiologia e história, principalmente quando se trata da análise do discurso político em linguagem sincrética. Essa área de análise de textos híbridos que se preocupa com a historicidade do discurso é conhecida por Semiologia Histórica, termo que advém dos trabalhos de J. J. Courtine:

(...) a análise de outras materialidades foi agenciada, por exemplo, pelos trabalhos de Jean-Jacques Courtine que, a partir de seu estudo sobre o discurso comunista endereçado aos cristãos (1982; 2004; 2006), propõe investigações que focalizam as mutações dos discursos políticos devido ao desenvolvimento de meios de comunicação audiovisuais. As pesquisas de Courtine visaram alargar o escopo da análise do discurso político, atento ao fato de que os meios audiovisuais transformaram as falas públicas (GREGOLIN, 2011, p.84).

Como observado por Gregolin (2011), Courtine aproxima da AD os conceitos foucaultianos de enunciado e arquivo⁴, antecipando uma preocupação com a historicidade do discurso, ou seja, considera para o enunciado o processo ou condição histórica de produção. Segundo este autor, é necessário considerar as transformações da história afetando a fala política e a própria análise do discurso.

Uma das grandes constatações de Courtine (2011) acerca das transformações do discurso político é sobre a linguagem tradicional do discurso político, chamada de *língua de madeira*, estar se aproximando cada vez mais da *língua de vento*, termo usado pelo autor para designar a linguagem publicitária.

O autor compreende que o discurso político buscou utilizar as *línguas de vento* que são caracterizadas por sua volatilidade e instabilidade e por consequência, acabam por torná-las mais atraentes. Para Courtine, Pêcheux também se preocupou em pensar sobre esta dimensão do discurso político, pois para este último a ciência tem fundamentos na política.

Gregolin (2011) também entende que a AD começa a voltar-se para a problematização dos seus objetos de estudo com os trabalhos de Courtine e também com Pêcheux, em alguns de seus trabalhos, como no ensaio *O papel da memória* (1999), no qual o autor se pronuncia sobre a força da imagem como operadora de memória social em uma sociedade em que o visual tem ganhado um lugar de destaque.

É certo que a AD pêcheuxtiana inicialmente estava relacionada à linguística saussuriana, privilegiando, desse modo, a materialidade verbal, o escrito. Porém, com as

⁴ Este conceito será melhor explicado no capítulo II.

transformações nas bases epistemológicas, – psicológica (Freud), social (Marx) e linguística (Saussure) – problematizações do conceito de história e posteriormente com a aproximação de Pêcheux dos historiadores da Nova História e das ideias de Foucault, Pêcheux busca pensar sobre os sujeitos no cotidiano, sobre as circulações cotidianas dos sentidos. E assim outros teóricos começam a voltar-se mais para as “línguas de vento” em detrimento de focarem-se apenas no funcionamento das “línguas de madeira”:

Pêcheux propõe então que, a partir de então a Análise do Discurso abandone sua obsessão pelos textos escritos por grandes atores sociais e passe a incorporar produções ordinárias, de sujeitos do cotidiano. Ao mesmo tempo, essa ampliação do objeto se estende também à materialidade discursiva e abre-se a possibilidade de que sejam incorporadas textualidades não-verbais (GREGOLIN, 2011, p. 88).

Mas qual teoria semiológica utilizar? E como tal teoria poderia ser incorporada às análises de discursos sincréticos? Se considerarmos a relação entre palavras e imagens como fundante da memória social, então precisamos pensar em uma semiologia que leve em conta tanto os elementos configuracionais dessas diferentes materialidades (uma “gramática” do verbal; uma “gramática” do não verbal) quanto a forma como palavras e imagens compõem um todo de sentido.

A sugestão que Pêcheux deixa para os analistas do discurso, em vários de seus trabalhos, é a semiologia barthesiana. Sobre essa semiologia, uma das leituras indicadas por Pêcheux é a de Mitologias, livro no qual Roland Barthes faz uma reflexão sobre vários acontecimentos discursivos cotidianos, mostrando regularidades nas produções midiáticas de fotos de políticos, de notícias de jornais, propaganda de sabonete, dentre outros. Para além de uma simples sugestão de que se utilize a teoria barthesiana em conjunto com a AD, Pêcheux instiga a leitura do semiólogo francês, para que se pense, no presente, no funcionamento dos discursos atuais (GREGOLIN, 2008).

Precisamos, portanto, pensar sobre as relações que as palavras estabelecem com as imagens, já que um discurso não se produz só na imagem, nem somente no verbal. Sendo os sentidos produzidos globalmente, então uma teoria social é indispensável para entendermos a emergência dos sentidos na história.

Além de entender como se deram essas transformações das materialidades discursivas e suas formas de produção e circulação, as análises aqui propostas também necessitam de uma discussão, feita no tópico a seguir, sobre as transformações operadas nas

identidades, especialmente no campo da política, a partir do fenômeno da globalização na pós-modernidade.

1.3 Mídias, identidades e transformações do discurso político

Pensar sobre identidades é um desafio. O tema é multifacetado e as singularidades das relações sociais na Pós-Modernidade fazem dessa reflexão uma tarefa bastante complexa. Esse período também designado por alguns estudiosos como Modernidade Tardia (geralmente demarcado a partir da segunda metade do século XX) tem como marca uma nova organização espaço-temporal e a consequente fragmentação do sujeito, que era até então entendido como unificado.

O resultado desse descentramento do indivíduo moderno é a emergência de novas e múltiplas identidades (HALL, 2006), por isso a Pós-modernidade é considerada por alguns estudiosos como um momento de mobilidade ou “fluidez” das relações, uma Modernidade Líquida (BAUMAN, 2005). É justamente sobre essa possibilidade de fluidez e fragmentação identitária do sujeito, especificamente no campo da política, que construímos uma das análises propostas neste trabalho. Como afirma Hall (2006, p.38):

a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo ‘imaginário’ ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre ‘em processo’, sempre ‘sendo formada’.

Dessa forma a concepção de identidade como algo sempre em processo, como uma construção histórica constitui-se em um elo entre AD e Estudos Culturais, como discutido por Gregolin (2008), em *Identidade: objeto ainda não identificado?*, no qual propõe essa interlocução entre os dois campos.

Hall (2006, p.11) traça um percurso das várias transformações das concepções de *sujeito* ao longo da História: desde o sujeito do Iluminismo - “[...] centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo ‘centro’ consistia num núcleo interior [...]”; até o sujeito *fragmentado* da pós-modernidade, período no qual a identidade aparece como uma ‘celebração móvel’ em razão de suas constantes transformações, transformações essas que acontecem por sermos interpelados pelos mais diversos sistemas culturais. (Hall, 2006).

A globalização é, segundo Bauman (2005), o principal fator responsável pelas crises dos referentes culturais na modernidade líquida, da mesma forma que também é a globalização que proporciona aos sujeitos a aproximação de diversas culturas, tendo como consequência a fluidez identitária. Ou seja, a globalização é vista da ótica dos Estudos Culturais como uma revolução tecnológica que opera uma reorganização do espaço, do tempo e das “velhas” instituições culturais, ao mesmo tempo em que torna fluidas, contesta, desarticula as identidades que pareciam estáveis e abre possibilidades de rearticulações, de novas identidades e de novos sujeitos (LACLAU, 1990).

Não se pode negar que esse processo de conexão deve-se muito às novas tecnologias que se desenvolvem na área da comunicação e, nessa dimensão Gregolin (2008) destaca que a mídia em geral é essencial para essa efervescência de identidades que surgem, em especial na mídia eletrônica, pelo fato de este não-lugar trazer a possibilidade de uma multiplicidade de jogos identitários.

Foucault se interessou também em seus estudos pelos meios de subjetivação, e adota a posição de que os discursos produzem os objetos dos quais falam. Então, para a Análise do Discurso, as identidades, como objetos de estudos, são entendidas como construções históricas que se dão dentro de práticas discursivas.

A mídia é, desse modo, entendida aqui como prática discursiva (GREGOLIN, 2007a), ou seja, o principal “lugar” no qual os discursos - efeitos de sentidos instaurados por sujeitos sócio-históricos - circulam nas mais diferentes materialidades (verbais e não verbais). Segundo Foucault (2008), prática discursiva não é o mesmo que uma simples expressão/formulação de ideias ou desejos. Também não podemos dizer que se trata de uma atividade racional ou uma competência. O filósofo explica que prática discursiva relaciona-se a:

um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa. (FOUCAULT, 2008, p.133).

Ou seja, situar-se em uma prática discursiva é “falar”/enunciar segundo determinadas regras, e fazer manifestarem-se as relações que ocorrem dentro de um discurso; a mídia é, desse modo, grande responsável pela intensa produção identitária atual. Podemos entender a mídia, por exemplo, como uma prática discursiva que enuncia e produz diversas identidades,

não de qualquer maneira, mas segundo determinadas regras, fazendo manifestarem-se as relações que se dão dentro de um discurso.

Courtine, em seus trabalhos, também pensou sobre o funcionamento dessas práticas discursivas no campo da política. Em *Discurso e mídia: a cultura do espetáculo* (COURTINE, 2003), o autor faz uma reflexão sobre a crise do discurso político nas sociedades ocidentais.

Tomando o exemplo francês, ele destaca que a falta de confiança e a indiferença com relação à política por parte dos cidadãos levaram a um aumento da renúncia às questões eleitorais e trouxeram à tona uma força política que soube explorar esse descrédito nas instituições a seu favor. Piovezani (2003), na esteira de Courtine e Bonnafous (2003), investiga as relações entre política e mídia na conjuntura brasileira. O autor percebe que a “espetacularização” da mídia política acabou sendo o “antídoto” para o estado de inércia e descrença dos brasileiros em relação ao discurso político, após o fim da ditadura, exigindo dessa forma que os políticos aderissem aos novos veículos midiáticos.

A televisão como um desses novos meios, acaba por aparecer muitas vezes sendo indicada como responsável por alguns efeitos perversos, pois existia uma ideia de que: “As imagens corrompem as palavras, a política do espetáculo deforma o debate de ideias: a democracia estaria doente em sua comunicação”. (COURTINE, 2003, p.22). Porém, indo contra esse pensamento simplista, Courtine adianta o caminho que delinea sua reflexão neste artigo, explicando que o que aconteceu foi uma transformação na eloquência política:

Uma forma de fala pública, constituída com a Revolução Francesa, fundada sobre os antigos oradores, concebida sobre o modelo do teatro e que até a pouco tempo fazia a ligação entre o homem político e o cidadão, acabou por se apagar sob nossos olhos, não sem nostalgia nem desequilíbrio. Ela cede seu lugar a estilos de comunicação radicalmente novos. (COURTINE, 2003, p.22).

O autor acredita que essas transformações se deram também a partir das críticas que foram se desenvolvendo na França às formas de fala pública tradicionais. Daí então que diferentemente das “línguas de madeira” passa a ter lugar:

uma outra política da fala: aquela das formas breves, das fórmulas das pequenas frases. Uma fala política cambiável, fluida, imediata, que se prende ao instante antes de se inscrever na memória, privilegiando antes a astúcia verbal do que a estratégia discursiva [...] as formas didáticas da retórica política clássica, modeladas pela instituição escolar, são substituídas por formas novas, que submetem os conteúdos políticos às exigências das práticas de escrita e de leitura próprias ao aparelho audiovisual de informação. (COURTINE, 2003, p. 22-23).

Essa *brevidade* é o primeiro elemento apontado por Courtine, como resultante dessas transformações que formaram o discurso político contemporâneo. Com a ascensão dessa *brevidade* no falar político, o verdadeiro do político passa a ser traçado no limite entre as formas que seriam as mais modernas, curtas, diretas e claras e o perigo e a mentira mais prováveis a serem encontradas nas falas mais demoradas, prolixas e monótonas. Exige-se então que o discurso político seja um *falar-verdadeiro*, ou seja, um discurso claro; e que passe a *falar-francamente*, sendo simples, que “fale a língua do povo”, daí que “a maioria dos governantes se aplicam desde então a falar línguas mínimas, *basics*” (COURTINE, 2003, p.23).

A segunda característica da prática discursiva política na contemporaneidade é a *conversação*: “Fala dialógica, feita de jogos de linguagem, de trocas conversacionais: a fala pública conhece uma profunda transformação enunciativa, que a torna fala breve, interativa, descontínua, fragmentada” (COURTINE, 2003, p.22). Já o último elemento apontado pelo autor são as práticas através das quais as mídias proporcionam a percepção de que, no homem público, também existe o homem privado. Ou seja, além de falar sobre campanha, promessas e programas de governo, agora é conveniente que se fale quase que despreziosamente sobre questões pessoais do homem público: “As boas perguntas políticas são aquelas feitas em domicílio, enquanto a câmera examina os objetos íntimos, explora os detalhes pessoais, volta incansavelmente ao rosto cuja dimensão interior ela quer perscrutar ao máximo.” (COURTINE, 2003, p. 24).



Figura 1: Descrição do aplicativo Flávio Dino 65, 2014
Fonte: iTunes, 2014.

Podemos aqui exemplificar como essas características estão presentes no discurso político contemporâneo através da campanha eleitoral que propomos analisar nesta pesquisa.

Além da utilização de um site oficial do candidato Flávio Dino⁵, havia também como material de divulgação da campanha um aplicativo (Figuras 1 e 2) desenvolvido para *smartphones*, tal como descrito abaixo:

Propostas para um marnahão com desenvolvimento e justiça social. Aplicativo de Fávio Dino, candidato a governador do Maranhão, nº 65 – Coligação Todos pelo Maranhão – Pcdob, PDT, PP, PPS, PROS, PSB, PSDB, PTC e Solidariedade. Conheça a candidatura e as propostas de Flávio Dino. Neste aplicativo você terá acesso ao perfil completo do candidato, suas propostas, notícias, vídeos, agenda e muito mais!
Eleições 2014 – Brasil (ITUNES, 2014).

O aplicativo trazia um resumo de tudo o que se refere à candidatura de Flávio Dino, com opções modernizadas de materiais que há alguns anos o eleitor não teria acesso, como os *jingles*, ou outros que só tinha acesso na forma impressa, como a “cola” dos números dos candidatos.

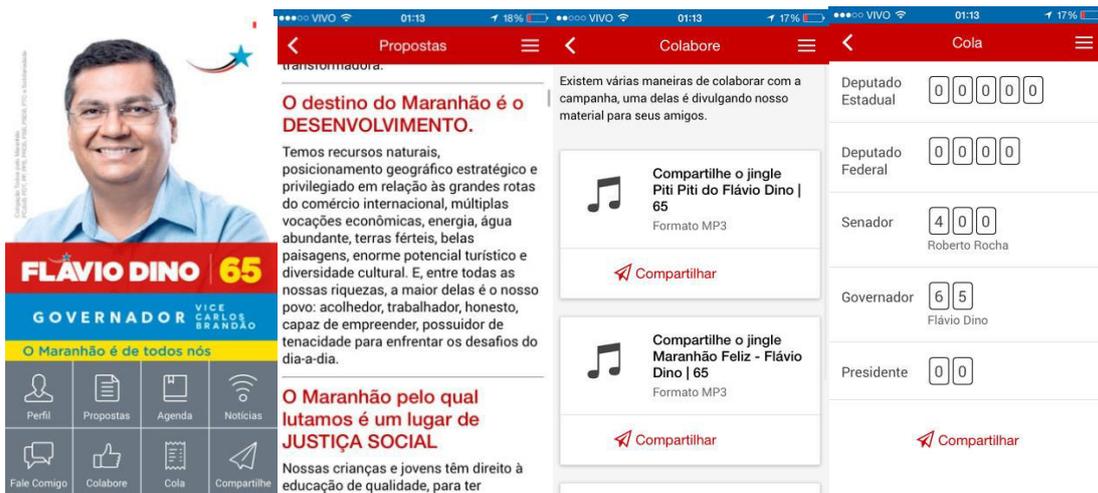


Figura 2: Aplicativo Flávio Dino 65, 2014
Fonte: iTunes, 2014.

Além desses meios de divulgação, perfis em redes sociais como *Facebook*, *Twitter*, *Whatsapp* e *Youtube*, também faziam parte da campanha do candidato ao governo do Maranhão. Todo esse conjunto de recursos midiáticos pós-modernos junto às já tradicionais formas de divulgação política, imprimem à campanha a tão oportuna sensação de aproximação entre o candidato e os mais diversos perfis de eleitores.

⁵ <http://www.flaviodino65.com.br/>

Tudo isso deve-se a este importante aspecto da Pós-modernidade que foi o desenvolvimento e expansão da mídia (impressa e eletrônica), dos veículos de comunicação em massa (TV, celular, internet) e das instituições modernas, que operaram mudanças fundamentais em nossa sociedade para que a comunicação política fizesse o caminho do palanque até a TV e outras mídias. O discurso político passou cada vez mais a utilizar a linguagem do discurso publicitário, o qual se apresenta mais volátil, menos hermético e por isso mesmo, mais atraente.

Não é mais somente nos panfletos ou jornais, mas também no Horário Eleitoral Gratuito da televisão e nas redes sociais que podemos agora observar *As metamorfoses do homo politicus*, que agora têm a oportunidade de “editar” suas identidades em seus “perfis” divulgados nas redes e através das imagens, notícias e propostas que divulgam em seus próprios canais de comunicação. Assim, através de práticas diversas, em diferentes “telas”, produzem-se subjetividades.

Tendo exposto neste primeiro capítulo o lugar teórico-metodológico a partir do qual construímos nossa pesquisa, bem como as categorias teórico-analíticas utilizadas nas análises de nosso objeto, passaremos agora a buscar as condições de produção e emergência dos discursos que pretendemos analisar.

CAPÍTULO II

2 COMUNISMO NA HISTÓRIA

O tema do(s) comunismo(s) é ponto bastante desafiador neste trabalho. Sendo este também o responsável por despertar a curiosidade dos que têm/tiveram algum contato com nossa proposta de pesquisa. “Mas qual é mesmo o conceito de comunismo?”; “Flávio Dino é realmente comunista?”. São algumas questões recorrentes no nosso percurso de discussões desta pesquisa em eventos acadêmicos ou não. Entendemos que elas são fruto de diversas construções discursivas de verdades sobre o que é comunismo, o que é ser comunista e quem é “o candidato comunista” Flávio Dino, construções essas que precisamos discutir.

Sabemos que Flávio Dino não é o primeiro candidato discursivizado como “comunista” na história. A existência de questionamentos sobre comunismo mostra que acontecimentos anteriores produziram sentidos (e ainda produzirão) e construiram memórias sobre o tema, assim como a campanha político-eleitoral em análise neste trabalho também o faz. Foi por esse caminho que construímos o objetivo deste trabalho de analisar “novos” sentidos sobre ser comunista e investigar memórias sobre comunismo que a campanha de Flávio Dino recupera.

Sendo assim, o conceito de arquivo tornou-se fundamental neste trabalho pois o arquivo é o que possibilita e determina as formas de reaparecimento de enunciados, assim como também autoriza a recuperação de já-ditos no fio da história.

O arquivo refere-se ao “sistema que rege o acontecimento dos enunciados como acontecimentos regulares [...] é o que diferencia os discursos em sua existência múltipla e os especifica em sua duração própria” (FOUCAULT, 2008, pg.149), ele é o que define os modos de dizer. O arquivo que dispomos sobre o que é ser comunista, por exemplo, se constitui a partir do é que designa o que pode ser dito hoje sobre essas identidades.

O objetivo deste capítulo, então, é apresentar essa discussão que auxiliará a análise do nosso objeto de pesquisa, destacando as condições de produção da construção de verdades, focando efeitos de sentido deste arquivo sobre comunismo e observando consensos e conflitos na construção histórico-discursiva do comunismo. Faremos isso em três tópicos nos quais discutiremos os conceitos de comunismo, o comunismo na história do Brasil e a relação de Flávio Dino e o comunismo no cenário político-eleitoral maranhense.

2.1 O (s) comunismo(s) das ideias e das revoluções

Da ótica discursiva, a linguagem não é transparente, os sentidos nunca estão prontos e evidentes. A palavra comunismo, ilustra bem esse princípio da AD, já que pode produzir múltiplos sentidos quando emerge em um discurso. Alguns sentidos são negados ou apagados, outros são reiterados e até, diversas vezes, podem suscitar polêmicas e conflitos, como no acontecimento que analisamos, no qual houve uma espetacularização midiática em torno do “comunismo” do candidato Flávio Dino, durante as eleições de 2014 no Maranhão.

Silva (2010) afirma que o sentido corriqueiro de “comunismo” como o oposto de capitalismo é uma ideia hoje incorporada ao imaginário ocidental. Talvez isso se deva ao inegável impacto gerado pelas obras marxistas e pela experiência soviética na história do mundo contemporâneo.

Alguns historiadores (BURGUIÈRE, 1993; SILVA, 2010), que desenvolvem uma história para o vocábulo “comunismo”, situam-no como surgido originalmente em língua francesa, no ano de 1797, tendo voltado a ser utilizado em 1840 por sociedades secretas parisienses do século XIX “que queriam distinguir-se dos socialistas e dos outros reformadores sociais, tendo Pierre Leroux falado em ‘socialismo’ a partir de 1826” (BURGUIÈRE, 1993, p.168).

Buscando em dicionários, encontramos construções de sentidos bem detalhados e também bastante abrangentes, para o vocábulo “comunismo”, a exemplo de Houaiss; Villar (2001, p. 782) indica: “s.f 1 num grupo unificado de membros que vivam e trabalhem juntos, sistema de vida em comum no qual os bens são partilhados, estando disponíveis segundo a necessidade de cada um < o c. da igreja cristã primitiva>”. Esse conceito de comunismo como um ideal de sociedade que desenvolve uma vida em comunidade e pratica a divisão igualitária de bens segundo as necessidades individuais liga-se a alguns princípios “que já são encontrados na Antiguidade e no Cristianismo Primitivo” (SILVA, 2010, p. 72).

Em Platão, podemos ter um exemplo, já que alguns historiadores conferem às reflexões deste filósofo “a primazia da formulação de um ideário político igualitário, com total predominância do Estado sobre a sociedade em geral” (AZEVEDO, 1999, p.113). Porém, segundo Silva (2010), apesar de defender o fim da propriedade privada, na *Republica* do filósofo grego, não existe uma preocupação com o povo, ao contrário, o que há é a ideia de que classes inferiores deveriam manter suas posições de dependentes das classes superiores.

A emergência do Cristianismo primitivo constrói novos princípios para o comunismo “abrangendo todos os grupos sociais, exaltando a pobreza e a castidade através da vida em comum e do trabalho” (AZEVEDO, 1999, p.113).

Também a Idade Moderna construiu utopias com princípios comunistas. Em um momento em que as classes burguesas ascendiam, intelectuais iminentes criavam locais imaginários onde a propriedade privada e o dinheiro seriam abolidos, todos os bens imóveis pertenceriam ao Estado, e os trabalhadores trabalhariam apenas o suficiente para satisfazer as necessidades coletivas. (SILVA, 2010, p. 72).

Thomas Morus (1478 – 1535) é frequentemente citado (cf. AZEVEDO, 1999; SILVA, 2010) por sua obra *Utopia*, como um expoente dentre esses intelectuais que produziram obras nas quais ideais socializantes eram discutidos.

Ao longo do século XIX, com o avassalador crescimento das relações capitalistas e a degeneração das condições de vida dos trabalhadores industriais, surgiram muitas escolas de pensamento que retomaram os ideais comunistas. Filósofos como Fourier, Robert Owen, Cabet e Saint-Simon, entre outros formularam propostas para corrigir os males gerados pela Revolução industrial. Radicais saint-simonistas chegaram a condenar explicitamente a *exploração do homem pelo homem*, algo retomado depois por Karl Marx (1818 – 1883). (SILVA, 2010, p. 72, grifo do autor).

Podemos notar, neste breve percurso de leitura feito até aqui, um pouco de como o comunismo como um ideal social nunca foi um só, e também conseguimos observar como foram sendo construídos esses conceitos de comunismos em diferentes momentos da história, em diferentes espaços sociais e dentro de condições de produção específicas.

Vamos entender também agora um pouco de como o comunismo como uma prática política também é diverso e foi construído de formas diferentes no mundo.

Na Revolução Inglesa (séc. XII), princípios comunistas podem ser notados nas ações de alguns grupos menos favorecidos, que reivindicaram a terra como um bem comum e buscaram o fim do que consideravam a fonte de todos as mazelas: a propriedade privada (SILVA, 2010). Na Revolução Francesa (séc. XVIII) os ideais são retomados

“na chamada ‘Conspiração dos Iguais’, encabeçada em 1796 por Gracchus Babeuf. Como o próprio nome indica, esta fração propôs um programa de propriedade comunal, para aprofundar a revolução, uma espécie de socialismo agrário (a indústria ainda estava escassamente desenvolvida).” (COGGIOLA, s/d, p.4).

Azevedo (1999) concorda com a afirmação do francês Babeuf como o responsável pela primeira tentativa de realização de preceitos comunistas. Essas revoluções, apesar de

serem consideradas revoluções essencialmente burguesas, são avaliadas como acontecimentos importantes que levantaram algumas “questões comunistas”. Mas a relação entre o pensamento teórico comunista e a prática política revolucionária só se inicia de fato a partir das obras marxistas. (SILVA, 2010)

É necessário evidenciar que o nosso interesse ao trazer à essa discussão alguns pontos sobre a URSS não é recitar a história oficial trazendo conceitos e detalhes do funcionamento do sistema político russo daquele momento, mas sim pensar sobre o que foi e qual a importância desse acontecimento para a construção e propagação de princípios comunistas no mundo.

“O ‘marxismo’ redescobriu o termo ‘comunismo’ por ocasião da Revolução de Outubro” (BURGUIÈRE, 1993, p. 170). Nessa dimensão, Bruno Groppo (2008), afirma a tomada do poder na Rússia pelos bolcheviques (a ala radical da social-democracia russa), ocorrida em 25 de outubro de 1917, como evento ou mito fundador que ocupou um lugar central no imaginário político sobre o comunismo.

Todas as correntes e variantes do comunismo do século XX – do stalinismo ao trotskismo e ao maoísmo etc. – fizeram referência a ela; e ainda hoje, após o quase desaparecimento do comunismo, continuam a fazer referência os regimes comunistas sobreviventes e os grupos políticos que se declaram ainda comunistas. (GROPPO, 2008, p. 116-117).

Esse historiador faz uma reflexão sobre a história do comunismo, a partir desse episódio da Revolução Russa que foi a Revolução de Outubro, ou revolução bolchevique, e o afirma como mito fundador do comunismo no século XX. Segundo ele, o comunismo do século XX ficou marcado por “sua dupla dimensão de movimento revolucionário com tendência universalista e de sistema de poder, atuando primeiramente na Rússia”. (GROPPO, 2008, p.115).

Groppo (2008) assegura ainda que o sucesso soviético na ocasião da Segunda Guerra Mundial foi um acontecimento que colaborou para a constituição da Revolução de Outubro e dos bolcheviques uma posição de destaque na história do comunismo.

Ainda segundo esse historiador francês, a partir de 1945, a influência da Revolução de Outubro se expandiu, tomando grandes proporções e fazendo com que revoluções emergissem em outras partes do mundo, como na Europa oriental, na China, em alguns outros países asiáticos e em Cuba. Ou seja, o movimento comunista mundial ficou profundamente marcado por essa ligação com a União Soviética.

E o sistema soviético, na configuração definitiva que lhe foi impressa pelo stalinismo, foi ao longo de muitas décadas o modelo de referência para o conjunto do mundo comunista. Em outras palavras, o comunismo do século XX identifica-se primordialmente com a experiência histórica do poder soviético. Os demais comunismos, heréticos ou dissidentes em relação à ortodoxia stalinista, desempenharam um papel menos importante, freqüentemente marginal. (GROPPO, 2008, p. 116).

Dessa forma a URSS sempre foi referência para o movimento comunista e não há como falar de socialismo durante o século XX sem mencioná-la. O autor chama atenção também para outras diferentes práticas que se identificaram pelo nome de “comunismo”, e por isso usa o termo “comunismos” ao indicar aqueles que ficaram à margem da história. Talvez por isso pouco apareçam na construção e disseminação dos discursos e retomadas de memórias sobre comunismo. Não desenvolveremos aqui uma reflexão sobre os comunismos “marginais” citados por Groppo, tendo em vista que a memória discursiva circunscrita nos dizeres sobre Flávio Dino são perpassados por esse simbolismo deixado pela experiência soviética, como veremos na charge a seguir.

É oportuno neste momento apresentarmos uma de nossas análises sobre a discursivização de Flávio Dino na mídia porque nela podemos notar um exemplo de como toda a memória ligada à Revolução de Outubro e à URSS ainda é utilizada na construção de discursos anticomunistas que constroem identidades para comunistas.

A charge (Figura 3) é de autoria do jornalista e chargista Clóvis Cabalau, e foi publicada no dia 10 de agosto de 2014, no jornal maranhense *O Estado*.



Figura 3: Charge Cabalau.
Fonte: Jornal *O Estado*, 2014.

A charge foi publicizada na mídia impressa e eletrônica durante o período de campanha dos candidatos das eleições de 2014 no Maranhão, e exatamente o dia 10 de agosto foi uma data comemorativa, o dia dos pais, o que é muito representativo, já que na imagem vemos uma criança correndo, apavorada e gritando “Papai, tô com medo”. Mas, para além de servir como uma provocação no dia dos pais, este enunciado verbal estabelece uma interdiscursividade com outro enunciado que emergiu em outro momento da história, como veremos mais a frente.

O outro personagem que vemos atrás da criança tem um corpo que lembra as representações de fantasmas nos desenhos animados. Nesse fantasma há um rosto que remete ao desenho do rosto de Flávio Dino, mas é um rosto com um semblante cruel. O fantasma do candidato empunha em uma mão uma foice e em outra um martelo, que têm como pano de fundo uma bola grande e escura. Vemos nesse discurso construído na imagem a remissão à uma memória construída a partir de relatos sobre a experiência comunista de alguns países, a memória de que “os comunistas comem criancinhas”.

Esse é considerado um dos “mitos anticomunistas” que ainda circulam nos discursos sobre comunistas, basta uma pesquisa rápida na internet para encontrarmos vários textos que se referem a comunistas como “comedores de criancinhas. A charge citada não inaugura esse dizer. Temos, por exemplo, Silvio Berlusconi, ex-Presidente do Conselho de Ministros da Itália, que também reatualizou esse mito em outro acontecimento, ao falar da China maoísta:

Quando os chineses protestaram, ele insistiu: ‘Leiam o Livro Negro do Comunismo e descobrirão que na China de Mao eles não comem crianças, mas coziam-nas para fertilizar os campos.’ Dias depois, vendo que a reação de Pequim não acalmava, disse na televisão: ‘Foi ironia questionável, reconheço, pois a piada é questionável. Mas não sei como me conter.’ (FARIA, 2006, s/p)

O jornalista português Luís M. Faria (2015) indica que, apesar de Berlusconi ter justificado seu comentário como sendo uma piada, há uma razão histórica que pode ter construído este mito: a fome enfrentada em alguns momentos históricos por países como a Rússia e a China. Sobre este assunto, em *URSS: Mito, utopia e história*, o professor e historiador Jorge Ferreira afirma:

A primeira etapa da "segunda revolução russa" iniciou-se em janeiro de 1930 com a coletivização do campo. A coletivização forçada resultou em uma guerra do Estado contra a população rural. A oposição desesperada dos camponeses serviu como pretexto para Stalin mobilizar milhares de agentes para "liquidar os kulaks como classe", segundo suas próprias palavras. Cercados em suas aldeias por tropas armadas com metralhadoras, os camponeses capitularam, não sem antes destruir as

ferramentas e matar cavalos, vacas, carneiros e cabras. Calcula-se que 45% do gado foi sacrificado e 70% do rebanho de carneiros e cabras foi dizimado. Como em uma vingança premeditada, eles ameaçaram as cidades com o espectro desesperador da fome. A política stalinista para o campo forçou mais de 100 milhões de pessoas a abandonarem suas terras e a se fixarem nas fazendas coletivas. Outros dez milhões, punidos, foram impedidos de participarem das novas organizações agrícolas. A morte e o degredo em regiões distantes e inóspitas selaram seus destinos. Os resultados das arbitrariedades, injustiças, destruições e massacres foram danosos para a economia rural e a do próprio país. Segundo Hobsbawm, a produção de grãos baixou imediatamente e o rebanho bovino foi reduzido à metade. Em 1932 e 1933, o país foi devastado por uma grande fome. (FERREIRA, 1998, p.5)

Farias (2006) ressalta que o desastre da fome não é um fenômeno exclusivo de países que passaram por uma revolução baseada em princípios comunistas, pois outros países diversos também já enfrentaram esse problema. Porém esse episódio foi atualizado:

“desde o início pelos inimigos do socialismo marxista. Dois ou três anos depois da Revolução Russa, em fóruns anticomunistas nos EUA e noutros países já se tornara relativamente comum ouvir a ideia de que os comunistas comiam bebês.” (FARIA, 2006, s/p)



Figura 4: PROPAGANDA. Pôster de 1947 - O líder soviético Josef Stalin com uma criança ao colo, glorificando o "futuro radioso das crianças sob o comunismo."
Fonte: FARIAS, 2006.

Farias (2006) também comenta outro episódio de fome na Ucrânia, talvez de proporções ainda maiores, tida como um desastre forjado para submeter camponeses à coletivização e eliminar a possibilidade de independência dessa região da URSS. O autor cita ainda que há um evento anual para recordar as vítimas desse período e os ucranianos usam o termo “Holodomor”, que significa morte pela fome, para referirem-se a este período.

Em ambas essas fomes surgiram relatos de canibalismo. Logo na primeira, terá havido milhares de casos. Um homem julgado por esse crime tentou desculpar-se com o argumento de que toda a gente fazia o mesmo. No Holodomor, houve fases em que morria uma média de 17 pessoas por minuto. Parece que o Partido chegou a colocar nas aldeias um cartaz que avisava: “Comer os vossos próprios filhos é um ato de barbarismo”. (FARIA, 2006, s/p)

O jornalista afirma ainda outros casos de canibalismo e enfatiza que é difícil saber o que é verdade em cada relato. Como falado anteriormente, a charge aqui analisada, não é a primeira e nem será a última a atualizar esse discurso anticomunista que (re)constrói uma memória da morte de criança para práticas de canibalismo.

Veamos por exemplo, a intericonicidade⁶ ou a memória estabelecida entre a charge de Cabalau e a imagem abaixo (Figura 5) que data de 1943 e tem referência atribuída a Mussolini. O cartaz foi produzido como parte de uma campanha para propagar o medo entre italianos: “com a ameaça de que as crianças podiam ser raptadas e levadas para a URSS. Um cartaz mostrava um bebê aflito, com o monstro terrível do comunismo por trás. ‘PAPA, SALVAMI!’” (FARIA, 2006, s/p).



Figura 5 Cartaz italiano - “PAPA, SALVAMI!”
Fonte: FARIA, 2006

Outro apontamento importante feito por Farias (2006) é sobre o sentido do próprio ato de canibalismo nesse mito que, em relatos diversos, colocava como vítimas pessoas

⁶ Intericonicidade segundo Kogawa e Witzel (2013, p. 340) relaciona-se ao conceito de interdiscursividade: “Trata-se, portanto, de uma renovação na ordem do olhar do paradigma artístico-pictural. Essa renovação se deve à inserção do olhar médico – notadamente, se atentarmos para o termo sintomatologia – na observação das obras de arte que levará, posteriormente, à elaboração de noções expandidas para possibilidades de análise das formas de dominação políticas.

classificadas como “burgueses”, o que conferia um valor metafórico de “comer os inimigos” dentro da disputa entre classes. E essas acusações são como outros discursos sobre canibalismo que, antes de serem reconstruídos sobre a história de países comunistas, também foram utilizados para construir uma “diabolização” de grupos inimigos em outros tempos: “Já os gregos acusavam disso os “bárbaros” (i.e. os não gregos). Na Idade Média, dizia-se que os judeus matavam crianças cristãs para usar o sangue delas num tipo de pão. E por aí adiante.” (FARIA, 2006, s/p).

Passamos agora para a análise mais atenta de outro elemento da charge: a foice e o martelo que se transformaram em uma imagem tradicional, um símbolo do comunismo reconhecido no mundo inteiro. Nas imagens reproduzidas na URSS, ela apresenta um sol radiante com ramos de trigo ao seu redor e frente a esses elementos aparecem cruzados uma foice e um martelo. (TAVARES, 2009).

Essa imagem seminal, originária da URSS, remete a um período do desenvolvimento do capitalismo em que o trabalhador ainda não estava apartado dos seus instrumentos de trabalho, a foice e o martelo, muitos deles construídos pelos próprios operários. [...] a análise da foice e do martelo pode avançar além de uma primeira associação simbólica na qual representava a aliança da cidade com o campo, do operário com o camponês: desenho difundido aqui no Brasil fazendo referência, então, aos sujeitos da Revolução Russa, propagando os seus feitos e esperando que o mesmo ocorresse por aqui (TAVARES, 2009, p.1313 – 1314).

É uma referência que mostra o elemento oposto, pelo conjunto de sua composição imagética e linguística, entendemos que a charge constrói outros sentidos sobre história da URSS e ao candidato Flávio Dino, por este pertencer ao Partido Comunista do Brasil (PCdoB).

Sobre esses discursos contemporâneos que fazem referência à Revolução Russa, percebemos que, como afirma Gropo (2008):

Na maior parte das opiniões e releituras recentes, a Revolução de Outubro é, porém, reconhecida como um evento de época, como uma reviravolta na história do século XX; mas aparece preponderantemente sob uma luz negativa, como o prenúncio de uma tragédia e de um fracasso de dimensões inimagináveis. Pesa certamente sobre essa visão o modo como a União Soviética e o movimento comunista por ela legado saíram de cena. (GROPPO, 2008, p. 141).

Ou seja, mesmo tendo sido por muito tempo modelo de movimento revolucionário e ideal de sistema de poder estatal para movimentos que buscavam uma experiência comunista em outros países, a Revolução Russa não é lida hoje pela maioria como um momento digno

de ser lembrado. A própria “Rússia pós-comunista quis romper deliberadamente com a memória da Revolução de Outubro e busca em outros momentos de seu passado os pontos de referência adequados para redefinir sua própria identidade” (GROPPO, 2008, p. 140). Muitas críticas ao comunismo são construídas hoje tendo a experiência soviética e o Outubro bolchevique como referências, e acabam por se estender a todo o conjunto socialista, marxista e até à ideia de revolução (GROPPO, 2008). É assim que entendemos que a charge constrói a identidade do candidato Flávio Dino em uma mistura de antisovietismo e anticomunismo.

Podemos notar a partir das discussões desse tópico que o comunismo, tanto como ideal de sociedade, como enquanto prática política revolucionária, foi construído em diferentes formações discursivas, em diferentes momentos da história. Veremos no próximo tópico que a história do comunismo no Brasil como ideário político também se deu sob influência do estado soviético e contou com rompimentos que são importantes para a leitura da campanha política que aqui fazemos.

2.2 Rastreado a história do Comunismo no Brasil e no Maranhão

Que deslocamentos sofreram os sentidos sobre comunismo das práticas da URSS às do Brasil? Como esses discursos se transformaram? Apesar da inegável influência e inspiração soviética é preciso pensar as práticas discursivas relacionadas ao comunismo no Brasil dentro de seu contexto e condições de aparecimento.

Paulo Zubek (2010), em seu trabalho analisa como o Partido Comunista do Brasil (PCdoB) passou por um processo de mudança política migrando de uma busca pela luta armada para uma retórica eleitoral. Este autor inicia a análise desse processo a partir da história do momento de cisão entre Partido Comunista do Brasil (PCB) e PCdoB. Para chegar nesse ponto, Zubek relembra outras cisões que se fizeram presentes na história dos partidos comunistas.

A primeira citada pelo autor é a que data da década de 50 quando apareceram denúncias de crimes cometidos por Stalin no XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), através do “Relatório Kruchev”. Com base na obra de Carlos Nelson Coutinho, estudioso de teoria política, Zubek afirma ainda que esse documento que acabou surpreendendo outros partidos comunistas do mundo inteiro que estavam ali presentes causou, no Brasil, o efeito de uma cisão interna no PCB. Assim formaram-se dois grupos que ficaram conhecidos como: “aberturistas” e “fechadistas”. É nessa sucessão de acontecimentos que começa a emergir o PC do B.

Sobre os episódios seguintes e os feitos dessa cisão inicial, o autor afirma:

O V Congresso do PCB realizado em setembro de 1960, na cidade do Rio de Janeiro, acentuou mais ainda as divergências entre os integrantes do partido. O novo Comitê Central (CC) eleito pelo V Congresso afastou, segundo o historiador Eliezer Pacheco (2008), alguns dos mais destacados integrantes do partido, como Arruda Câmara, João Amazonas, Maurício Grabois e Orlando Piotto. (ZUBEK, 2010, p. 9)

Essas divergências tomaram proporções ainda maiores, de acordo com Zubek (2010), com base nas reflexões do historiador Eliezer Pacheco sobre o processo de formação da esquerda no Brasil. E os sinais da formação de um grupo dentro do PCB se confirmaram levando à cisão como consequência. Mas o que definitivamente selou essa separação entre a direção e os antigos dirigentes do partido, teriam sido medidas adotadas pelo Comitê Central (CC) em 1961, para a legalização do PCB:

O CC, num recurso cuja finalidade era atender às exigências da legislação vigente, altera o nome do Partido para Partido Comunista Brasileiro e não mais Partido Comunista do Brasil, tentando com isso descaracterizar sua vinculação internacional, e retira dos estatutos a serem registrados a afirmação de que o mesmo se orientava pelos princípios do marxismo-leninismo e do internacionalismo. O programa apresentado era bastante moderado e reformista, para não assustar os juizes do STE. (PACHECO apud ZUBEK, 2010, p. 9-10).

Percebemos através dessa breve reflexão sobre a história da esquerda e dos primeiros partidos comunistas brasileiros que “os desacordos entre as várias correntes comunistas no país estão ligadas ou tem origem com ou no Relatório Kruchev”. (ZUBEK, 2010, p. 10). Porém, outro elemento importante dessa história de cisões, tal como Zubek (2010) aponta, foi a proposta de mudança do nome do partido “para agradar o Supremo Tribunal Eleitoral e nesse processo houve desacordos e pouco diálogo, além de expulsões de dirigentes e fechamentos de organismos, o que sempre foi uma característica do partido.” (ZUBEK, 2010, p. 10). Em suma, para este autor, a busca por uma mudança ideológica foi o fator decisivo nesse longo processo de divisão e aparecimento de um novo partido, essa mudança consistia em abandonar algumas idéias que eram consideradas fundamentais para certos grupos comunistas, que eram a teoria marxista-leninista e a busca por uma revolução através da luta armada:

A história do PC do B é marcada pela dissidência a partir do PCB, e essa cisão não foi nem um pouco amistosa, ao contrário, houve insinuações e ataques de ambos os lados. O próprio PC do B sofreu duas cisões, ambas em 1966, que dariam origem ao

PCdoB-AV e o PCBR e nestas, além do partido enfraquecer-se em termos de militância, partidários fundadores tornaram-se inimigos. (ZUBEK, 2010, p. 9)

A centralização é apontada por este autor como excessiva dentro dos partidos comunistas no Brasil o que advém como consequência do princípio comunista de unidade, de partido único que estaria a frente das transformações históricas. Essa lógica de pensamento único chegou ao ponto de excluir a possibilidade de uma pluralidade e de liberdade de expressão. “Essa foi a tônica nos mais de oitenta anos de comunismo no Brasil. Em que pese todas as crises do socialismo no mundo; como as denúncias de Kruchev nos anos 1950, a Queda do Muro de Berlim em 1989 que levaram a uma profunda crise das esquerdas” (ZUBEK, 2010, p. 14)

Mais tarde, na década de 70, deu-se início a uma abertura dentro do PCdoB e seus princípios foram se transformando e tornaram-se menos rígidos sendo esse processo mais intenso a medida que os anos se passavam. Já na década de 1980, após a legalização do partido, o PCdoB se lançou no processo eleitoral, tomando assim um caminho dentro da democracia, sem se importar se essas eleições seriam ou não um processo burguês. (ZUBEK, 2010).

Sobre a atuação do PCB no Maranhão, é interessante observar que quando em alguns momentos de liberdade de atuação, o PCB buscou apagar o ateísmo de sua imagem buscando aumentar uma adesão por parte dos eleitores católicos. Em relação aos princípios de comunismo presentes no discurso desse partido, em certos períodos de sua ilegalidade, o PCB procurou produzir e tentar aplicar princípios como a união de forças políticas e cidadãos que se fossem contra o imperialismo, o latifúndio e fascismo e tentou fomentar o interesse pelo apoio a movimentos políticos. Foi assim que nasceram então no Maranhão algumas organizações com esse perfil como a Vanguarda Anti-Fascista (VAF) e a Frente Única Proletária (FUP) (PEREIRA, 2010). “As chamadas frentes políticas ilustram bem esse aspecto da tentativa de reverter o processo de depreciação ou mesmo exclusão através do descrédito imposto aos comunistas” (PEREIRA, 2010, p.21).

Existiu também no Maranhão um movimento esquerdista de inclinação comunista, a chamada Liga Antifascista, que teve Pedro Bona e Abdelgard Brasil Corrêa como mais conhecidos integrantes que atuaram decisivamente na organização da Aliança Nacional Libertadora (ANL) (PEREIRA, 2010). A Liga Antifascista, que depois mudou de nome para

Vanguarda Antifascista (VAF), era uma organização que tentava agrupar filiados do PCB, funcionava como uma forma de camuflar o PCB, que ainda era considerado ilegal, e poder atrair trabalhadores urbanos maranhenses (CALDEIRA, 1999).

O cientista social maranhense Ariel Pereira (2015), ao pensar sobre o funcionamento das práticas de etiquetagem política no Maranhão, analisa um decreto publicado pela Junta Governativa Revolucionária, representante do poder no estado em 1930, que objetivava precaver a propagação de ideais comunistas no estado, questiona: “Por que esta preocupação com os comunistas no Maranhão? Existiam comunistas, de fato, atuando no estado?” (PEREIRA, 2015, p.17).

O autor afirma ainda que não há registros da existência e/ou atuação de cidadãos ou organizações comunistas no Maranhão na década de trinta ou em período anterior que pudessem fundamentar essa preocupação da Junta. E que, na verdade, esse decreto representa algo como uma providência tomada em relação às suspeitas e mesmo acusações levantadas por jornais (PEREIRA, 2015).

2.3 “O Maranhão é de todos nós”: trajetória do “candidato comunista” no Maranhão

A busca pela compreensão da regularidade da prática discursiva midiática dos textos selecionados se inicia neste tópico com uma breve reflexão sobre as condições sócio-históricas da emergência do discurso identitário⁷ e da inserção de Flávio Dino na cena política maranhense que tem seu ponto alto em 2014.

Este ano foi o último ano do governo de Roseana Sarney, que havia sido vitoriosa nas eleições estaduais de 2010, em um mandato iniciado logo após ter voltado ao cargo em 2009, por decisão do Tribunal Superior Eleitoral, que destituiu do poder o então governador Jackson Lago por denúncias de irregularidades durante as eleições de 2006. Outro acontecimento importante no cenário político maranhense de 2014, na esfera estadual, foi o embate dos candidatos que figuravam à frente da disputa: Edison Lobão Filho (PMDB), apoiado pela então governadora, e Flávio Dino (PCdoB).

Flávio Dino, como dito anteriormente, também participou das eleições de 2010 no estado para o cargo de governador do estado. Nessa primeira experiência como candidato a

⁷ Entendemos por discurso identitário as construções de sentidos sobre identidades resultantes das transformações dos sentidos na teia da história, pois como afirma Gregolin (2007a, p. 16): “Os efeitos identitários nascem dessa movimentação dos sentidos.”

governador ele foi derrotado nas urnas, perdendo para a candidata Roseana Sarney, em primeiro turno; em 2014 o cenário para o Flávio Dino já era outro, com novas alianças com partidos de oposição e até com ex-aliados ao governo do estado.

Formado desde 1991, pela Universidade Federal do Maranhão, em direito, Flávio Dino voltou à mesma universidade, em 1993, dessa vez como professor, após ser aprovado em concurso público. Um ano mais tarde foi aprovado também para exercer o cargo de juiz federal, o qual exerceu por 15 anos no Maranhão, chegando a ser presidente da Associação Nacional dos Juizes Federais e secretário geral do Conselho Nacional de Justiça, o que lhe rendeu destaque na mídia em nível nacional. O então ex-juiz federal, que havia sido filiado ao PT entre 1987 a 1994, filiou-se ao partido PCdoB em 2006, com vistas a concorrer às eleições a deputado federal pelo Maranhão, ao qual foi eleito no mesmo ano. Este foi o momento em que o candidato ingressou na vida política. (UOL, 2014).

Em 2008 deu início a sua campanha nas eleições municipais de São Luís, em coligação entre PCdoB e PT. Naquele momento, alguns dos adversários de Flávio Dino que mais se destacavam nas pesquisas como João Castelo, Clodomir Paz e Raimundo Cutrim valeram-se das “prévias experiências administrativas e de gestão pública (por eleição ou indicação para cargos de confiança) e as acionaram com o propósito de dar consistência e confiabilidade aos seus discursos e propostas.” (BORGES, 2008, p.12). Assim, apesar de veicular naquela campanha a auto-imagem de um candidato novo, que estava aliado a Lula e preparado pela sua formação acadêmica, conhecimento das leis e dos caminhos de obtenção de recursos, o candidato Flávio Dino foi apresentado pelos oponentes como inexperiente, comunista, sarneysta e inimigo dos mais velhos e das Igrejas (BORGES, 2008). Essa não veio a ser uma disputa vitoriosa para Flávio Dino, mas foi importante para o caminho político do candidato “que passou de 4% das intenções de voto no início da campanha para 34% dos votos” (BORGES, 2008, p. 19), disputando o segundo turno com João Castelo.

Sobre essa jornada política percorrida por Flávio Dino de 2006 a 2010 e seu destaque no cenário político da capital Maranhense, Moura (2013, p. 39) comenta:

Na eleição de 2006, Flávio Dino foi o quarto candidato mais votado em todo Maranhão. Durante seu mandato foi eleito, pelo site Congresso em Foco, um dos melhores parlamentares do país, por quatro anos consecutivos. A boa avaliação de sua atuação na Câmara Federal o habilitou a disputar a prefeitura de São Luís, em 2008, perdendo a disputa no segundo turno para o político João Castelo. Em 2010, na reta final da campanha para o governo do Estado, obteve um bom desempenho nas intenções de voto, alcançando o segundo lugar na disputa eleitoral.

Apesar de já ter tido destaque nacional por outros papéis políticos como os de deputado federal e ex-presidente da Embratur, Flávio Dino apareceu no arquivo político midiático das eleições estaduais de 2014, por diversas vezes através de entrevistas, debates e nas campanhas de seus opositores sendo discursivizado como o candidato comunista através de uma diversidade de questionamentos sobre o seu posicionamento político-ideológico e religioso.

Especificamente nos textos selecionados para análise neste trabalho, esse arquivo é atualizado através de um domínio de memória, fazendo com que textos produzidos em diferentes momentos produzam efeitos em leituras contemporâneas, e o efeito produzido pela mídia sobre as identidades de Flávio Dino é de contradição, divergência.

The image shows a screenshot of a news article from the website CartaCapital. The article is titled "Se o senhor for eleito, vai implantar o comunismo no Maranhão?" and is written by Rianan Truff. It discusses an interview with Flávio Dino, a candidate for the Maranhão state government, on the TV Mirante channel. The article includes a sub-headline: "Em entrevista à afiliada da Globo, candidato do PCdoB, Flávio Dino, foi confrontado com perguntas típicas do submundo da internet". There is a small video player showing a man in a suit, likely Flávio Dino, being interviewed. To the right of the article, there is a sidebar with various news snippets under the heading "Repórter de CartaCapital em Brasília".

Figura 6: Notícia sobre a entrevista no site da revista Carta Capital.
Fonte: Carta Capital, 2014.

The image shows a screenshot of a blog post from the website "Blog do Rovai" by Renato Rovai. The article is titled "A bizarra entrevista do comunista Flávio Dino na TV dos Sarney" and is dated August 23, 2014. The article discusses a "bizarre" interview with Flávio Dino on the TV channel of Sarney. The blog post includes social media sharing buttons for Facebook, Twitter, Google+, LinkedIn, and Email. There is also a search bar and a "Mais recentes" section.

Figura 7: Notícia sobre a entrevista no site da revista Fórum.
Fonte: ROVAI, 2014.

Assim, Flávio Dino apareceu em alguns jornais, blogs e nas campanhas de seus adversários políticos como um “comunista do mal”, sem religião, enquanto em suas entrevistas e em jornais de esquerda (como a *Carta Capital e Fórum* – Figuras 6 e 7) apareceu por vezes como um “comunista” coerente para com seus ideais. Essa associação de Flávio Dino à memória de um “comunismo do mal” gerou efeitos também no discurso do candidato Lobão Filho, por exemplo, que por vezes encerrou sua fala nos debates televisivos fazendo os agradecimentos em forma de oração.

CAPÍTULO III

3 ANÁLISES DA DISCURSIVIZAÇÃO DO CANDIDATO

Como destacado nos capítulos anteriores, o objetivo maior desta pesquisa está em investigar os efeitos de sentido que emergiram na mídia através da associação do candidato Flávio Dino à memória do comunismo, e, para alcançá-lo elegemos categorias teóricas e analíticas da AD, além dos métodos utilizados nas pesquisas em Semiologia Histórica.

Flávio Dino, em 2014, como é comum entre candidatos em período eleitoral, além de sua própria campanha, esteve presente como figura central em inúmeros canais de comunicação (jornais, sites, revistas). Por isso decidimos delimitar o *corpus* contemplando a “regularidade” para focalizar nossa leitura e selecionamos alguns textos, dentro desse arquivo, tanto da campanha oficial do candidato, quanto da produção midiática sobre ele (entrevista da mirante e blog do PMDB, partido de Lobão Filho).

E o que é regular nessa dispersão dos acontecimentos discursivos que emergiram na mídia em 2014, durante a campanha político-eleitoral de Flávio Dino?

Os *corpora* de nosso trabalho são formados por entrevistas, reportagens encontradas em sites, vídeos disponíveis na web, Horário Gratuito de Programa Eleitoral etc., elementos discursivos que sistematizamos e reunimos segundo um percurso temático. Assim, elegemos os materiais de análise segundo o que nos aparecia repetidamente, tanto na campanha eleitoral, quanto em debates, entrevistas e reportagens do qual o candidato participou, isto é, do tema do comunismo, para o qual voltamos nosso olhar nas análises dos textos a seguir que apresentamos em forma de tópicos:

- ◆ Uma charge, publicada em 10 de agosto de 2014, no jornal *O estado*;
- ◆ Uma entrevista, com o candidato Flávio Dino, divulgada em um jornal televisivo local, chamado Jornal do Maranhão 2ª edição, no dia 22 de agosto, de 2014.
- ◆ Uma peça publicitária, da campanha eleitoral de Flávio Dino, lançada na TV, internet (vídeo) e distribuída nas residências maranhenses (panfleto) a partir de 21 de agosto de 2014, intitulada *Uma carta pela mudança do Maranhão*, composta pelo vídeo homônimo e pelo panfleto intitulado *Carta aos Maranhenses*;
- ◆ O último vídeo da campanha do candidato, que tem como título *Carta dos maranhenses*, veiculado na TV e internet, a partir de 24 de julho de 2014;

- ◆ Texto publicado no dia 30 de setembro de 2014, no site do PMDB, partido de um de seus adversários políticos, Lobão Filho.

Mas quais condições e mecanismos enunciativos e discursivos produzem esse efeito de verdade de divergência entre identidades de um sujeito político na pós-modernidade? No intuito de entender essa questão sobre as condições de possibilidade e de produção desses discursos é preciso lembrar o gênero discursivo no qual se encontram os enunciados analisados no tópico seguinte, a entrevista jornalística, para compreender o que deve e o que pode ser dito nesse gênero e as instituições que regulam seus dizeres.

A entrevista como gênero discursivo pertencente ao domínio jornalístico é uma prática social comum em época de eleições que apresenta elementos como atores sociais (entrevistadores/repórteres/apresentadores e candidatos/entrevistados), um contexto enunciativo e uma fala que os autoriza. Gregolin (1997) ressalta que a situação (concreta), o contexto real e o esquecimento são elementos, do domínio do real e do imaginário, que constituem as condições de produção. Nesse sentido, a autora afirma ainda que a intertextualidade é constituinte do texto jornalístico em diferentes níveis e a construção dos sentidos no jornal acontece nas dimensões do sujeito da escrita, do destinatário e dos textos exteriores.

É a partir dessas discussões da relação da mídia com a produção de sentidos e da observação dos jogos identitários no cenário político maranhense durante as eleições de 2014 que este trabalho se propõe investigar também a produção e circulação social dos discursos e interdiscursos que emergiram na mídia a partir da associação do candidato Flávio Dino à memória do comunismo.

3.1 “Flávio Dino fala sobre alianças políticas no JMTV2”

Neste tópico desenvolvemos a análise de uma entrevista que se apresenta não na forma escrita, mas na materialidade imagética de um jornal televisivo de grande audiência no Maranhão.

O processo de reabertura política teve seu início no fim dos anos oitenta assim como as eleições diretas que tiveram como vencedor da corrida de presidenciáveis o agora ex-presidente Fernando Collor de Mello. Esse processo eleitoral também foi um marco na história da publicização midiática das eleições, pois foi aquela a primeira vez em que um

processo eleitoral pode ser televisionado. Nesse processo, partidos políticos puderam usar o horário eleitoral gratuito e tiveram a televisão como meio de divulgação de seus programas de governo, e produções publicitárias bem construídas por agências de publicidade. Grandes índices de audiência foram registrados na ocasião dos debates entre os candidatos na televisão e notou-se uma influência relevante das performances dos candidatos nos debates nos resultados das eleições (MATTOS, 2002).

O Jornal do Maranhão em seu horário de 2ª edição (JMTV2), exibido às 19:00 a todo território maranhense⁸, apresentou uma série de entrevistas intitulada “Eleições 2014” com os candidatos ao cargo de governador do estado. No dia 22 de agosto, data decidida por meio de sorteio, o candidato Flávio Dino foi entrevistado. A TV Mirante ocupa a posição desse “sujeito da escrita”, representado pelo repórter da emissora Sidney Pereira e a âncora do Jornal do Maranhão, Amanda Couto. No caso esse “sujeito da escrita” na entrevista televisiva trata-se do sujeito em posição privilegiada de veículo de opinião que elabora as perguntas previamente e determina o tempo e regras da entrevista, no caso 6 minutos e 30 segundos, dos quais os últimos 30 segundos são reservados para que o candidato resuma suas propostas prioritárias de governo.

A partir de meados dos anos quarenta empresas jornalísticas e de radiodifusão não podiam ser administradas pessoas jurídicas, sociedades anônimas, ações, nem estrangeiros, pois esta não era considerada como uma prática legal de acordo com as constituições brasileiras. Por meio dessas leis, buscava-se viabilizar uma identificação integral dos proprietários para evitar que o capital estrangeiro tomasse o domínio da mídia nacional. Mas aconteceu que, mesmo que indiretamente, essas leis protetivas tiveram como consequência a construção dos monopólios familiares da comunicação de massa. São oito os grupos familiares que hoje gerenciam a comunicação brasileira (no rádio e na TV), tendo como expoentes nacionais as famílias Marinho (Globo), Saad (Bandeirantes), Abravanel (SBT). E olhando para um cenário mais amplo, incluindo a mídia impressa e eletrônica, é possível verificar que 90% de toda a mídia brasileira está sob controle de quinze famílias. (Lima, 2001 apud AZEVEDO, 2006).

⁸ O jornal também foi exibido ao vivo para todo o território nacional através do portal da internet G1 Maranhão: G1 MARANHÃO. *Flávio Dino fala sobre alianças políticas no JMTV2*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/ma/maranhao/eleicoes/2014/noticia/2014/08/flavio-dino-fala-sobre-aliancas-politicas-no-jmtv2.html>>. Acesso em: 10/08/2015.

Além disso, existe também o monopólio de políticos sobre a mídia no Brasil. O domínio de canais midiáticos por parte de famílias de políticos famosos no Brasil é uma prática comum. Podemos citar como outros exemplos: a família Magalhães, na Bahia e a família Collor, em Alagoas.

Analisando a relação entre o sistema de mídia e o sistema político no Brasil, Azevedo (2006, p.101) resume:

o monopólio familiar, a propriedade cruzada dos principais meios de comunicação de massa, o controle parcial de redes locais e regionais de TV e rádio por políticos profissionais, e a inexistência de uma imprensa partidária ligada a interesses sociais minoritários com alguma expressão nacional faz com que nosso sistema de mídia presente ainda, depois de mais de duas décadas do retorno à democracia, uma reduzida e precária diversidade externa.

Essa história das concessões de emissoras de TV no Brasil é determinante para a forma como se materializam as campanhas políticas na televisão brasileira, por isso é necessário pensar um pouco sobre elas.

Trazendo essa questão para nossas análises, uma informação importante que pode passar despercebida por um telespectador/internauta que não conhece a cena política e midiática do Maranhão é o fato da TV Mirante ser um canal televisivo que pertence a familiares de José Sarney, importante figura política maranhense. Esse dado pode afetar a construção das leituras do telespectador, a construção da enunciação, formulação das questões que acontecem, por exemplo, na entrevista que analisamos.

Nessa entrevista, quanto ao destinatário na situação concreta imediata de enunciação, é a Flávio Dino (FLD) em sua posição sujeito de candidato do PCdoB que as perguntas se dirigem, por vezes em sua posição de cidadão (não) religioso, mas podemos considerar também o telespectador como destinatário, pois ele, também na posição de possível eleitor do candidato, construirá sua leitura do enunciador e enunciatário a partir da entrevista televisionada.

O processo de retomada das vozes de outros enunciadores é percebido em algumas partes da entrevista jornalística em questão. O discurso tem como particularidade de sua construção a atualização de outros discursos, que acontece no caso em análise, através da citação, por exemplo. Como a entrevista aconteceu ao vivo em um jornal televisivo o enunciador, apesar de poder formular previamente e controlar o tempo da enunciação, não pode, por exemplo, editar as respostas do entrevistado. Segundo o Portal G1 Maranhão

(2014a): “Durante as entrevistas, serão abordados temas relativos às candidaturas, pontos do programas de governo apresentados e temas da atualidade”.

Antes de iniciar a entrevista a âncora Amanda Couto (AC) apresenta a série de entrevistas e passa a palavra ao repórter Sidney Pereira (SP) que dá início à sua fala explicando sobre o tempo de cada candidato e as regras da entrevista, como estabelecido previamente:

Regras

Antes de cada entrevista, os apresentadores deixarão claro que a TV Mirante não poderá usar trechos da entrevista em qualquer outro telejornal, assim como o compromisso dos candidatos de não exibir trechos em seus programas eleitorais.

Se algum candidato se considerar ofendido por um dos seus opositores nas entrevistas, a direção da emissora poderá conceder direito de resposta a esse candidato, de um minuto, dentro do mesmo jornal, no dia seguinte.

Caso um dos candidatos se recuse a participar da entrevista, os outros serão entrevistados da mesma maneira. O candidato ausente não terá compensação. (G1 Maranhão, 2014)

A primeira pergunta feita ao candidato é precedida com uma introdução em forma de citação do estatuto do PCdoB:

SP: O estatuto do Partido Comunista do Brasil é muito claro eu anotei, candidato: “Os mandatos eletivos alcançados sob a legenda do PCdoB pertencem ao coletivo partidário. A atuação dos comunistas está a serviço de um projeto político partidário, segundo norma própria do comitê central.” Isso significa que se o senhor for eleito, o senhor vai ter que submeter as suas decisões ao comitê central, vai ser assim?

FLD: Claro que não. Pelo contrário. Na verdade nosso mandato, se acontecer, que eu espero que aconteça, será de todos os maranhenses. Na verdade o nosso objetivo é fazer uma grande aliança, uma grande união em favor do Maranhão. O que nosso estatuto diz é que os partidos políticos, que são garantidos e assegurados pela Constituição, têm a sua importância na democracia. Mas nem um governador pode ser governador de um pequeno grupo, de uma família ou de um partido... [confusão de vozes] Mas você tem que ser [confusão de vozes], você tem que ser de... Só concluir, Sidney... Você tem que ser governador de todos e esse é nosso compromisso, garantir que a lei seja cumprida, o nosso programa é a nossa referência. E há um aspecto muito importante, eu não sou candidato de um partido, eu sou candidato de nove partidos.”

Houve uma intervenção inesperada do entrevistador que tentava já iniciar a segunda pergunta, causando uma confusão de vozes. O candidato então pede para concluir sua fala fazendo um gesto ameno com a mão ao seu interlocutor como pedindo calma. Podemos perceber através desse primeiro questionamento que se instaura um interdiscurso, através da citação (“Os mandatos eletivos alcançados sob a legenda do PCdoB pertencem ao coletivo partidário [...] se o senhor for eleito, o senhor vai ter que submeter as suas decisões ao comitê central”), que aciona uma memória discursiva ligada ao comunismo do PCdoB e a atuação de seus militantes. A pergunta é precedida de uma afirmação na forma de discurso direto, que

junto aos dizeres cria um efeito de autenticidade das palavras. Esse discurso direto, como é enunciado em uma materialidade visual, no vídeo, não possui marcas de identificação como temos na escrita (aspas, dois pontos), mas pode ser percebido pela imagem do repórter segurando e apontando para um papel (Figura 8), à medida que fala, onde lê o trecho do estatuto como anotado por ele mesmo (eu anotei).



Figura 8: Entrevista: discurso direto.
Fonte: G1 Maranhão, 2014a.

O trecho “é muito claro eu anotei, candidato” remete a imagem do enunciador, que atravessado pela formação discursiva de jornalista/instituição midiática, aciona algumas estratégias para se construir como sujeito imparcial e sério que busca as “fontes” (eu anotei), como instituem os princípios do jornalismo.

Além disso, o enunciador tenta conferir, através do seu dizer (“é muito claro”) uma objetividade ao interdiscurso que aciona na citação. Essa objetividade conferida ao texto do estatuto do PCdoB nos faz lembrar das formas de esquecimento do qual trata a AD e que se tornaram princípios dos estudos na área. Segundo Michel Pêcheux, nosso dizer é atravessado por dois tipos de esquecimentos. O primeiro é da ordem da constituição do sujeito e do sentido o qual podemos notar pelos efeitos de neutralidade acionado por algumas estratégias do enunciador; e o esquecimento número 2 que é da ordem da formulação, e se dá quando o sujeito esquece que há outros sentidos possíveis. É também chamado de esquecimento enunciativo, e sugere que existe uma relação termo a termo entre o que é dito, o que é pensado e a realidade referida (ORLANDI, 2006, p.21). Ao dizer “é muito claro” o enunciador constrói a ilusão de que a linguagem é transparente, livre de equívocos ou que não há outros sentidos possíveis para o que está enunciado no estatuto do partido.

A citação é seguida por outra afirmação na qual o entrevistador interpreta o dizer do PCdoB e cria um efeito de fechamento dessa interpretação, o que percebemos no trecho “Isso significa que”. A interrogação é feita através de afirmações, pois ao final o que se tem de fato é apenas um pedido de confirmação ou negação (vai ser assim?) do enunciatário sobre o “único” sentido já estabelecido no dizer do enunciador.

Em sua resposta o enunciatário nega a interpretação da citação (“Claro que não. Pelo contrário.”) como enunciada pelo enunciador e aponta outro sentido que se situa na sua verdade (“[o estatuto] diz é que”) de sua posição como candidato do PCdoB e possível governador do Estado (repetição da expressão “Na verdade”).

No trecho “O que nosso estatuto diz é que [os partidos políticos] têm a sua importância na democracia.” Percebemos que o uso do pronome possessivo de primeira pessoa do plural evoca a inserção do candidato na coletividade do partido e localiza o partido dentro de um grupo maior dos partidos políticos com um todo, como percebemos pela passagem de singularidade do partido (“nosso estatuto [do PCdoB]”) para uma afirmação seguida de uma oração explicativa (os partidos políticos, que são garantidos e assegurados pela Constituição) que retoma a memória sobre a legalização dos partidos perante a Constituição, em especial o processo histórico de legalização do PCdoB marcado por cisões e polêmicas que até hoje produz debates entre historiadores.

Na conclusão da fala do candidato, nos chama a atenção o trecho “o nosso [do partido] programa é a nossa referência” como evocação de um interdiscurso, nomeando e retomando o programa de governo e, não negando, mas re-localizando o estatuto do PCdoB num espaço de importância para a democracia brasileira, e não como referência para os objetivos de mandato. O último trecho nessa resposta: ‘eu não sou candidato de um partido, eu sou candidato de nove partidos’ é acompanhado de um gesto amplo do candidato com as mãos (Figura 9). Nele também são resgatados aspectos sócio-históricos exteriores ao contexto imediato de enunciação referindo-se à já comentada maior expectativa de vitória advinda do número significativo de novas alianças partidárias estabelecidas pelo candidato nas eleições de 2014.



Figura 9: Entrevista: "eu sou candidato de nove partidos".
Fonte: G1 Maranhão, 2014a.

Procuramos perceber, através dessa primeira parte da análise, como o discurso é sempre atravessado e se constrói a partir de outros vários que estão dispersos e são retomados, transformados a partir de um domínio de memória.

Além de estabelecer um interdiscurso com o estatuto do partido, com a legalidade dos partidos instituída no texto da Constituição, acionando sentidos sobre a democracia, notamos outra conexão com o interdiscurso de oposição, dirigido à família Sarney, introduzido pelo candidato através de uma oração adversativa (“Mas nem um governador pode ser governador de um pequeno grupo, de uma família ou de um partido”).

Pudemos vislumbrar, ainda que inicialmente, que a associação do candidato Flávio Dino a um conceito de comunismo ligado as memórias construídas sobre experiência social da URSS, durante a campanha eleitoral de 2014, não aconteceu ao acaso. Assim, a discursivização do candidato como comunista se faz a partir de uma diversidade de outros discursos, em diferentes textos, em distintos momentos da história. A filiação partidária de Flávio Dino se tornou midiaticamente mais produtiva nas eleições estaduais no Maranhão de 2014 também em razão de sua candidatura nas urnas ter sido apresentada na mídia como estatisticamente mais forte que na eleição anterior. Mas a construção desse discurso se forma antes, em outro lugar, quando outros discursos sobre o comunismo, sobre capitalismo e sobre democracia se fizeram presentes em nossa história.

Ainda com esta mesma entrevista, analisamos como se deu e quais são as regularidades da discursivização, na campanha do candidato e em noticiários, das identidades de Flávio Dino tidas como divergentes, considerando consensos e conflitos existentes em torno do tema comunismo. Sendo assim, a próxima análise é guiada pelas seguintes questões: como as identidades do candidato Flávio Dino foram discursivizadas nas mídias no período

político-eleitoral de 2014? Que condições se configuram como terreno propício para a emergência desse discurso identitário e político eleitoral com a associação do candidato Flávio Dino (PCdoB) ao comunismo a partir de um domínio de memória?

3.3 Imagens do candidato na mídia

Dentre as perguntas feitas ao candidato durante esta entrevista, selecionamos agora aquelas que tocam no tema das identidades do candidato. A primeira pergunta desta parte da análise é feita por Sidney Pereira (SPe) tomando como suporte uma leitura do programa de governo de Flávio Dino (FID):

1 SPe: Candidato, eu tive o cuidado de dar uma olhada no seu programa de governo e lá o senhor propõe em algum momento que vai implantar uma rede solidária em parceria com as igrejas. Como comunista, como o senhor pretende convencer, por exemplo a igreja católica e os católicos a votar no senhor? E apoiar esse projeto? [confusão de vozes] Qual o argumento?

1 FID: Primeiro [confusão de vozes] primeiro que o estado é laico, é, na verdade, religião não se confunde com a política e eu sou católico, por isso talvez seja mais fácil convencer todos os católicos, e sou cristão, por isso que há muitos evangélicos ao nosso lado, tenho muita alegria, muito orgulho de ter milhares, milhões de militantes das várias igrejas ao nosso lado e por isso mesmo nós estamos propondo uma grande parceria na campanha e pra governar, fazer programa sociais, políticas sociais de combate às drogas, políticas sociais visando o combate ao analfabetismo. As igrejas têm e terão um grande papel no nosso governo.

2 SPe: Então é bom esclarecer, né? Porque assim, a [hesitação] partir do [hesitação] do momento em que se é do... [hesitação] que é comunista, fica a ideia de que é ateu, não é bem assim?

2 FID: Eu sugiro a você, Sidney, a ler o livro do Atos dos Apóstolos, capítulo 4, versículo 32 que lá é uma boa definição do modo de vida dos **cristãos**, e como quem é comunista, defende a comunhão [ênfase], defende a comunidade e é contrário ao império do dinheiro, da ditadura do dinheiro. Então é um bom caminho pra você ver que é possível, sim, como eu ter a alegria de ser como eu: comunista, [confusão de vozes] cristão, maranhense e brasileiro.

Notamos que na organização da fala do entrevistador, inicialmente uma proposta do programa de governo do candidato é citada em forma de discurso indireto e, logo em seguida, a questão é feita questionando o candidato sobre suas estratégias de convencimento de um eleitor (“como o senhor pretende convencer [...]?”; “Qual o argumento?”). A questão põe em oposição a identidade do candidato “como comunista” e dos eleitores católicos, o que causa uma tensão ali representada pela confusão de vozes no momento da enunciação. Percebemos que esse atropelamento de falas e uma tensão maior durante o diálogo acontece em um momento em que o candidato tenta explicar seu pensamento sobre as relações entre comunismo e religião em uma direção de desconstrução do paradigma tradicional

estabelecido para as identidades comunistas a partir dos princípios marxistas e da experiência soviética. Na mesma direção, a segunda questão ressalta a oposição entre as identidades de comunista e cristão. É um retorno à primeira feita em forma de um pedido de um “esclarecimento” sobre as implicações de ser comunista, na leitura do entrevistador.

Podemos perceber esse processo de retomada das vozes de outros enunciadores na entrevista jornalística que vem sendo analisada. O discurso tem como particularidade de sua construção a atualização de outros discursos sobre o que é ser comunista, que acontece até para no caso em análise, através dessa oposição entre ser comunista e ser católico.

O candidato ao responder aos questionamentos a ele feitos busca apontar uma contradição na fala de seu entrevistador, pois aponta uma confusão entre política e religião (“religião não se confunde com a política”) e esclarecendo sua identidade religiosa como católico. Ou seja, o candidato evoca o princípio de laicidade do estado como argumento para sua livre opção religiosa independente de sua opção política. No trecho “Eu sugiro a você, Sidney, a ler o livro do Atos dos Apóstolos”, com o verbo ‘sugerir’ nota-se o ato ilocutório de tentar ordenar que o interlocutor realize um ato referido no enunciado: ler o livro Atos dos Apóstolos.

Assim, em vez de explicar as estratégias de convecimento do eleitor supostas no questionamento a ele dirigido, a resposta do candidato vai na direção de enfatizar um apoio já dito por ele como existente a ele vindo de “milhares, milhões de militantes das várias igrejas”, construindo assim um sentido de naturalização da integração entre comunistas e cristãos.

E essa possibilidade é ressaltada ainda na segunda resposta, em forma de conselho dada pelo candidato ao entrevistador, à medida que ele, através da citação de um versículo da bíblia, evoca o princípio da comunhão como princípio comum às identidades de comunistas e cristãos. A análise do atravessamento entre o discurso religioso e o discurso político, que opõe/repõe as ideias de “cristão/comunista” pode ser pensada através do conceito de FD de Courtine como sendo heterogênea, dividida.

Como discutido no capítulo II com base no trabalho de Groppo (2008), a história de mitos e símbolos produzidos a partir da experiência comunista da Rússia e, em seguida, à da União Soviética foi fundamental para a construção de um “modelo de referência para o conjunto do mundo comunista”. É esse conjunto de referência, símbolos e mitos que povoam a memória sobre o comunismo que reaparecem como memória discursiva dos dizeres e é atualizada no discurso jornalístico em análise. Groppo (2008) afirma ainda que existiram

outros comunismos de posturas diferentes da ortodoxia stalinista, mas que desempenharam papéis menos importantes, e até frequentemente marginais.

Notamos que a mídia analisada questionou uma proposta do programa de governo de Flávio Dino através de uma retomada de uma oposição entre comunistas e católicos que tem suas origens em outros lugares e que já fora dito através de vozes. Esse conflito identitário entre comunistas e católicos aparece, também, na fala do entrevistador, como um apontamento de uma possível “falha” identitária do candidato, uma possível caracterização do candidato como um político que cria argumentos e estratégias incoerentes para convencer seu eleitor. No entanto, através da discussão levantada sobre identidades na pós-modernidade, pudemos vislumbrar a exigência da adaptação dos sujeitos a um novo contexto sócio-histórico no qual a mobilidade identitária faz-se necessária, do mesmo modo que fixar-se em uma identidade única é um “perigo”, pois a identidade deve ser “um manto leve pronto a ser despido a qualquer momento” (BAUMAN, 2005, p. 37).

Outro acontecimento que retoma a oposição das identidades de “comunista” e “cristão” de Flávio Dino foi a presença de seu adversário político do PMDB, Lobão Filho, a uma reunião com líderes evangélicos durante a campanha eleitoral de 2014.

A partir desse acontecimento, foi publicado um texto, sob o título *Lobão Filho discute relacionamento entre governo e igreja com líderes evangélicos*, no blog do partido desse candidato, que reproduzimos aqui:

O candidato ao governo do Estado, senador Lobão Filho (PMDB), reuniu-se, nesta segunda-feira (30), em São Luís, com lideranças evangélicas para discutir o relacionamento entre o governo e as igrejas do Maranhão. Pastores e membros de diversas congregações compareceram ao evento e discutiram propostas de alianças para o desenvolvimento de serviços sociais em prol do estado.

“O governo não pode financiar a igreja, mas pode instrumentá-la para que vocês atuem na sociedade junto ao governo. A igreja é um bom caminho, por exemplo, para tirar os jovens das drogas. Não vou tirar os jovens do crack com a polícia, mas pela fé e pela alma e não há como chegar ao coração das pessoas sem vocês”, afirmou Lobão Filho aos pastores.

O missionário Vilas Boas, presidente da Unipas (União Internacional de Pastores e Capelães Voluntários) no Maranhão levantou a necessidade de albergues e casas de repouso para abrigar mendigos no estado. “Nós capelães distribuimos alimentos e cobertores à noite para os moradores de rua, mas não temos para onde leva-los”. Vilas Boas citou o exemplo de estados como São Paulo e Santa Catarina em que o estado oferece albergues com banho e dormitório para que essas pessoas passem a noite.

Lobão Filho propôs um serviço em larga escala, equiparando o trabalho de todos os pastores à capelania. “Minha proposta é que os pastores não se direcionem apenas aos fieis, mas que assistam às famílias em situações de dificuldade, aos presos e demais setores da sociedade carente de amparo espiritual”, sugeriu. “Há traficantes nas portas das escolas e a igreja é o exército do bem para enfrentar esse mal. Para

enfrentar o traficante, o governo tem a polícia, mas a igreja é uma grande aliada das vítimas”, completou.

Juventude – O estudante Mizael Junior, participante do programa do governo federal Ciência sem Fronteiras, destacou a participação do senador Lobão Filho na aprovação do programa no Congresso Nacional e afirmou que o candidato tem muito a fazer pela juventude do estado. “A juventude evangélica apoia Lobão Filho. Em terra que o comunismo pisa não cresce grama. Quem conhece a verdade, não apoia o outro lado”, declarou.

Lobão Filho recebeu as orações dos líderes evangélicos para a obtenção de inteligência emocional e habilidade para lidar com as pressões da reta final da campanha. O candidato agradeceu as preces e finalizou o evento com um pedido. “Não venho aqui pedir votos, mas peço que vocês orem para que seja escolhido o melhor candidato para o Maranhão. O nosso estado pode ser muito maravilhoso para o nosso povo e, se Deus permitir, há de ser muito em breve”. (PMDB, 2014)

Ao longo do texto podemos observar, através das citações diretas, que a fala do opositor político de Flávio Dino vai sempre propondo uma parceria entre Estado e igreja para a solução de problemas sociais relacionados à violência (“Minha proposta é que os pastores não se direcionem apenas aos fieis, mas que assistam às famílias em situações de dificuldade, aos presos e demais setores da sociedade carente de amparo espiritual”). Essa carência de espiritualidade para solucionar problemas sociais é apontada pelo enunciador como um problema que pode ser minimizado pela ação da igreja. Constrói-se então nesses enunciados uma ideia oposta aos ideais comunistas marxista-leninista.

Em outra citação, essa oposição ao comunismo por motivos religiosos é exposta de maneira mais direta através da fala de um estudante: “A juventude evangélica apoia Lobão Filho. Em terra que o comunismo pisa não cresce grama. Quem conhece a verdade, não apoia o outro lado”. O enunciado em destaque é, na verdade, uma retomada de uma frase atribuída a Margaret Thatcher: “Grama que a esquerda pisa não cresce nunca mais”, que se referia às experiências socialistas no mundo, tidas por muitos como mal-sucedidas e desastrosas. Já o sentido construído através do enunciado do jovem entrevistado pelo blog, é de que a eleição de Flávio Dino colocaria em prática uma tentativa de reprodução dos ideais comunistas e que aqueles que têm o conhecimento da “verdade”, provavelmente, a “verdade” cristã e a “verdade” da história, tal como pensada por intelectuais de direita, não poderiam se deixar enganar pelo candidato do PCdoB.



Figura 10: Imagem de Lobão reproduzida no blog do PMDB
Fonte: PMDB, 2014.

Na imagem (Figura 10) vemos Lobão Filho (PMDB) na reunião com as lideranças evangélicas em uma posição de destaque e de credibilidade geralmente ocupada pelo pastor dentro de uma igreja.

A regularidade presente nesses discursos, tanto na entrevista, quanto no blog do PMDB, sobre a imagem de Flávio Dino, encontra-se na oposição às identidades comunista e cristão produzindo um efeito de contradição e de impossibilidade de cooperação. A memória de um comunismo que se identifica primordialmente com a experiência histórica do poder soviético é retomada, sendo um mecanismo utilizado na produção desse efeito de uma contradição nas práticas discursivas nos textos analisados.

3.4 *Uma carta pela mudança do Maranhão*

A segunda parte de nossas análises trata de um peça publicitária intitulada *Uma carta pela mudança do Maranhão*, elaborada pela *Coligação Todos Pelo Maranhão* (PC do B, PSDB, PP, SD, PROS, PSB, PDT, PTC, PPS), para o horário eleitoral gratuito do candidato Flávio Dino.

O vídeo dessa peça foi produzido tendo como “roteiro” um texto verbal construído aos moldes de um gênero epistolar. Dessa forma conta então com os recursos da materialidade verbal de uma carta, do imagético do vídeo e com o poder de divulgação que a TV e a internet possuem. Em razão desses fatores, para aprofundarmos nossa análise, seguindo os princípios da Semiologia Histórica, verificamos a seguir como foi construída a dimensão verbal da *Carta aos Maranhenses* observando ao mesmo tempo sincronia ao visual.

Os locais de publicação de circulação desses textos foram a TV, a internet e as ruas, por meio de um panfleto, que também foi distribuído pelas casas maranhenses.



Abaixo temos a transcrição da *Carta aos maranhenses*:

Meus amigos e minhas amigas, quero falar com vocês sobre a nossa terra. Tenho cruzado nosso estado de ponta a ponta. Vejo uma terra tão linda e tão rica. Mas vejo também que essa riqueza chega para poucos. Vejo tanta água e tanta sede de justiça. Por onde ando, percebo o mesmo desejo em cada olhar: o desejo de mudança. Quero conversar com você sobre o Maranhão do futuro. O lugar em que queremos e podemos viver. Que seja de todos, não importa sua raça ou religião, se você é homem ou mulher. Da capital ou do interior. O Maranhão que sonhamos é honesto, decente, justo. Com educação para todos, água para todos, saúde para todos. Com mais oportunidades. A chance está em nossas mãos. Somos um povo trabalhador, somos fortes, temos coragem e muita fé em Deus. Sem ódio, sem rancor, sem medo. Juntos, a gente vai conseguir um Maranhão de todos. Eu acredito no Maranhão. Que as riquezas de nossa terra podem levar justiça e prosperidade para todos. Tenho fé que a hora chegou. Vamos juntos pela mudança. Todos juntos pelo Maranhão. Abraços, Flávio Dino. (Portal Vermelho, 2014. Disponível em: <<http://www.vermelho.org.br/noticia/248217-1>> . Acesso em: 15/08/2015.)

Figura 11: Carta aos Maranhenses – Panfleto.

Fonte: Portal Vermelho, 2014.

Falando agora mais detalhadamente sobre a carta. De acordo com Silva (2002), encontramos neste espaço da carta um fator contextualizador da situação comunicativa, o cabeçalho, que reporta a localização geográfica e a época dessa produção textual.

No vídeo que aqui analisamos, temos uma produção discursiva composta pelo escrito (a carta), o sonoro (sua leitura) e o visual, desse modo, apesar de não expor um cabeçalho em sua dimensão verbal, podemos ver nos primeiros trinta segundos do vídeo toda essa ambientação espacial do gênero carta. O vídeo se inicia com as imagens de um campo aberto, com o sol nascendo ao fundo, o que começa a produzir um sentimento de um novo dia, uma esperança que se renova em um novo Maranhão. Logo depois uma pessoa aparece preparando um café com um tradicional pano de coar café, a inserção desse objeto e a ambientação apresentada nas imagens colocam o maranhense como um povo humilde que não é invisível para esse candidato a governador, sendo visitado e lembrado. Um carteiro surge andando de bicicleta por uma estrada de terra, um senhor de idade rega uma plantação de hortaliças, construindo a imagem do pequeno produtor ou do homem do campo, da agricultura familiar, assim o sujeito enunciativo produz esse efeito de sentido de que esse grupo social também é lembrado por ele. E as imagens de homens e mulheres trabalhadores, representando cidadãos maranhenses em suas atividades cotidianas, vão se multiplicando na tela.

Um deles recebe uma carta das mãos do carteiro mostrado no início do vídeo (Figura 12), esse gesto de proximidade, de diálogo pode ser compreendida como uma tentativa de

inserir o eleitor, e trazer a participação popular para a campanha, e, na sequência, vários trabalhadores rurais vão recebendo a carta e iniciando suas leituras.



Figura 12: Mãos - Uma carta pela Mudança do Maranhão.
Fonte: DINO, 2014. (Youtube).

E indo além do vídeo, encontramos outros elementos discursivos deste acontecimento que funcionam como o cabeçalho ausente na carta, comunicando assim sobre a época dessa produção. Pois o vídeo *Uma carta pela mudança do Maranhão* foi publicizado como primeiro programa de TV da coligação, no dia 21 de agosto de 2014, no horário da noite, e não em outra data qualquer do período estabelecido por lei para a propaganda no horário eleitoral gratuita.

Dessa forma, a carta apareceu na mídia como um marco inicial para a construção desse relacionamento entre o candidato e possíveis (e)leitores, nas eleições de 2014.

Como comentado anteriormente, a *Carta aos Maranhenses* apresenta também elementos do gênero de esfera privada, a “carta pessoal”. Talvez isso se deva ao fato de esse texto ser primordialmente uma propaganda política que inicia uma campanha eleitoral de um candidato, sendo guiada, portanto, por uma vontade de construir uma identificação entre os sujeitos. O panfleto foi impresso em um papel estilizado imitando uma carta real, com letras cursivas que imitam algo manuscrito com uma caneta, em uma folha de caderno, meio amassada, com selos estampados, mas sem nomes de partidos políticos, nem número do candidato, apenas o nome de Flávio Dino na assinatura da carta. Todo esse cuidado com a edição e panfleto, sua distribuição que foi feita pelas casas e não entregues em qualquer ponto das ruas das cidades maranhenses além, é claro, de toda a ambientação das leituras que são retratadas no vídeo, em ambientes familiares e cotidianos, vão atenuando os efeitos de

impessoalidade e formalidade presentes na “carta aberta” e construindo um efeito de proximidade entre o político e público.

As leituras retratadas acontecem em grupos que aparecem em diferentes espaços: na mesa de jantar de uma família, à beira mar tendo um pescador (Figura 13) como leitor da carta, que lê como se estivesse em um palanque, imitando os tradicionais pronunciamentos políticos, e numa aldeia indígena, sendo lida por um dos índios na língua de seu povo. Essa inserção da figura indígena na propaganda estabelece um diálogo com o discurso da exaltação da diversidade cultural tanto linguística quanto social dos maranhenses e brasileiros.



Figura 13: Pescador - Uma carta pela Mudança do Maranhão.
Fonte: DINO, 2014. (Youtube).

No restante do vídeo a carta vai sendo lida por personagens que representam cidadãos de diversas “classes” e cores: vaqueiro, universitário, artesã, donas de casa, quebradeira de coco, dentista, enfermeira, brincante do bumba-meu-boi e também crianças leem o texto como num jogral e, dentre as vozes, por vezes a voz do candidato também pode ser ouvida, sem que sua imagem apareça na tela. No último trecho do texto/vídeo, ouvimos a voz de Flávio Dino, alta e forte, quase aos gritos, como se estivesse num palanque, mas as imagens na tela continuam a mostrar imagens de pontos turísticos do estado e dos cidadãos. Até que ele aparece em um evento como um comício de mãos dadas com seus aliados e eleitores, bastante emocionado (Figura 14).



Figura 14: Flávio Dino emocionado.
- Uma carta pela Mudança do Maranhão.
Fonte: DINO, 2014. (Youtube).

Os elementos composicionais da *Carta aos Maranhenses* nos fazem descrevê-la aqui, como afirmado anteriormente, ao gênero epistolar, ora aproximando-se das práticas das cartas da esfera privada, como uma “carta pessoal”, ora tomando elementos daquelas da esfera pública, como uma “carta aberta”.

Silva (2002), levando em consideração a dimensão sócio-histórica dos gêneros textuais e ações discursivas dos sujeitos, afirma o seguinte sobre a “carta aberta”:

De modo geral, esse gênero tem como finalidade discursiva publicizar algo – seja para difamar ou para promover, por exemplo, uma pessoa pública, o serviço ou proposta política de uma empresa, de um órgão estatal ou não (SILVA, 2012, p. 73).

Assim, mesmo sendo primordialmente uma propaganda político-eleitoral que foi produzida e publicada dentro de certas condições sócio-históricas singulares, o texto em análise foi moldado em outro gênero que serve à mesma finalidade. A “carta aberta”, ao mesmo tempo em que promove uma pessoa pública, um candidato a um cargo eletivo, também trabalha na persuasão dos possíveis (e)leitores de Flávio Dino, como é esperado de uma propaganda.

Além da característica de ter sido produzido por um grupo político, que ocupa, portanto, o lugar do sujeito remetente, colocando a população maranhense na posição de destinatário, podemos notar ainda a apresentação de uma situação problema na sequência discursiva: “Vejo uma terra tão linda e tão rica. Mas vejo também que essa riqueza chega para poucos”. É preciso dizer ainda que a sequência “Vejo uma terra tão linda” é acompanhada no vídeo por imagens de uma das “riquezas” naturais que é hoje um dos pontos turísticos mais famosos do estado, os Lençóis Maranhenses (Figura 15).



Figura 15: “Vejo uma terra tão linda”.
 Fonte: : DINO, 2014. (Youtube).

Vislumbramos neste mesmo trecho em seu conjunto com as imagens acima, uma interlocução com outra carta a qual a de Flávio Dino se liga, por meio de um domínio de memória: a famosa *Carta do Achamento do Brasil*, de Pero Vaz de Caminha.

Assim como na carta de Caminha fala-se de uma terra quase utópica, em tons de ufanismo e deslumbramento na descrição do local de seus recursos, que teriam a promoção do bem do homem como utilidade sagrada (PACHECO, 2004), na carta assinada por Flávio Dino, essas características também são observáveis. E não só na sequência discursiva citada, mas também em outras nas quais o remetente descreve seu objeto, tais como: “quero falar com vocês sobre a nossa terra”, que é habitável: “O lugar em que queremos e podemos viver” e suas riquezas passíveis de exploração em prol do bem de todos: “Que as riquezas de nossa terra podem levar justiça e prosperidade para todos”.

Esse mesmo “problema” apresentado na carta, também retoma outro discurso anterior, mas que emergiu na campanha do mesmo candidato, posicionado como um sujeito diferente do de 2014. Estamos falando do sujeito enunciador da campanha de Flávio Dino nas eleições de 2010 que, como dito no tópico 2.3, foi o ano em que o candidato perdeu o pleito ao mesmo cargo, quando contava com um número menor de aliados políticos em sua antiga coligação, a *Muda Maranhão* (PPS / PSB / PCdoB).



Figura 16: Campanha Flávio Dino 2010.
Fonte: DINO, 2014. (Youtube).

Em 2010, em um dos vídeos da campanha eleitoral, que data de 17 de setembro, o sujeito enunciativo é outro, e assim o seu discurso parte de outro lugar, enunciando o “repartir a riqueza” como uma das propostas do plano de governo (Figura 16).

Esse mesmo discurso faz-se presente na campanha de 2014, como podemos notar na sequência: “Vejo uma terra tão linda e tão rica. Mas vejo também que essa riqueza chega para poucos”. O personagem que lê o trecho “[...] e tão rica”, não aparece em um grupo, ele é um dos poucos personagens que destoa dos outros de aparência mais humilde. É um senhor de cabelos grisalhos, branco, (Figura 17) que observa um dia de trabalho em uma grande propriedade de produção agrícola, enquanto lê a *Carta aos maranhenses*. Essa diferenciação visual entre os personagens desse vídeo é a parte não-verbal que vai ajudar a construir esse sentido de que existe uma desigualdade social que deve ser solucionada.



Figura 17: “Fazendeiro” - Uma carta pela Mudança do Maranhão.
Fonte: DINO, 2014. (Youtube).

Essa retomada de um discurso anterior não acontece por uma citação direta, mas sutilmente através de uma “observação” do enunciativo. Há a exaltação à beleza e riqueza da terra e logo em seguida um lamento na oração adversativa seguinte que também parece

funcionar como uma denúncia sobre um problema social de desigualdade referente à distribuição de renda no estado. O enunciado liga-se a outro da mesma carta “Eu acredito no Maranhão. Que as riquezas de nossa terra podem levar justiça e prosperidade para todos”, no qual percebemos uma das propostas de solução para o problema apresentado: explorar as riquezas da terra de modo a obter um resultado coletivo igualitário.

Já no enunciado de 2010 há uma proposição direta e assertiva de “repartir a riqueza”, se existiu pesquisa e observação como as citadas pelo enunciador na carta de 2014 (“Tenho cruzado nosso estado de ponta a ponta”; “vejo também que essa riqueza chega para poucos”), ela não foi sinalizada no vídeo da campanha de 2010, o (e)leitor pode apenas supor pelo próprio enunciado, pois se há a necessidade de “repartir a riqueza” é porque o enunciador supõe que esta riqueza está concentrada nas mãos de poucos. Essa ideia de divisão igualitária de riquezas nos remete ao *Manifesto do Partido Comunista*, obra clássica de referencial sobre comunismo, na qual Marx e Engels (1848 [1998]) afirmam o acúmulo da riqueza em “mãos privadas” como condição essencial para a constituição e para a força de dominação da burguesia.

Percebemos também na sequência seguinte a argumentação do enunciador: “Por onde ando, percebo o mesmo desejo em cada olhar: o desejo de mudança. Quero conversar com você sobre o Maranhão do futuro. O lugar em que queremos e podemos viver”; Essa argumentação apresenta primeiramente uma motivação para que exista a mudança proposta pelo enunciador: o desejo dos cidadãos maranhenses.

Segundo Foucault (1992, p.150), “a carta é simultaneamente um olhar que se volta para o destinatário (por meio da missiva que recebe, ele se sente olhado) e uma maneira de o remetente se oferecer ao seu olhar pelo que de si mesmo lhe diz.” Nesse olhar, o enunciador faz uma leitura de seu enunciatário e através dela vai construindo suas identidades e seus desejos. A solução para que haja essa mudança parece estar nos enunciados: “Juntos, a gente vai conseguir um Maranhão de todos. Vamos juntos pela mudança. Todos juntos pelo Maranhão”; a repetição do adjetivo masculino “todo” e do adjetivo “junto” em suas formas do plural, assim como o uso recorrente da 1ª pessoa do plural sugerem a “união” como solução. Mas como aconteceria esta união? Bastaria os cidadãos maranhenses tomarem consciência do problema apresentado, desejar a mudança e se unirem para solucionarem do modo que melhor entenderem?

Não. A solução é ao mesmo tempo uma condição, pois os elementos não verbais desses enunciados e o gênero no qual se apresentam apontam ao seu enunciatário que o desejo de mudar a realidade social do estado e de continuar vivendo neste espaço rico e próspero, tal como apresentado pelo enunciador, acontecerá desde que haja o apoio do (e)leitor maranhense ao candidato, apoio este que deveria materializar-se em votos na eleição para governador do estado, no ano de 2014.

3.5 “O Povo é que vai ser rei”

O último vídeo que analisamos da propaganda eleitoral do candidato é intitulado *Carta dos Maranhenses*, veiculado na mídia (televisão e internet) em 1 de outubro de 2014. Este faz uma espécie de resumo da campanha e retomada do primeiro vídeo do candidato analisado no tópico anterior, é como um resumo do diálogo estabelecido entre o candidato e eleitores durante o período de sua propaganda eleitoral.



Figura 18: “Carta aos Maranhenses”.
Fonte: DINO, 2014. (Youtube).

O vídeo se inicia com a imagem de uma pessoa vistada de branco correndo, com uma grande bandeira do estado do Maranhão nas mãos, pelas areais brancas de uma paisagem que lembra os lençóis maranhenses (Figura 18). Um narrador anuncia o vídeo como último programa de TV de Flávio Dino e dialoga com o telespectador: “Os próximos capítulos dessa tão linda história, quem vai escrever é você”.

Nas próximas imagens. Aparece em “close” na tela uma coroa dourada em cima de um traveseiro vermelho e a seguir um homem vestido como “mordomo” (Figura 19), caminhando e segurando a citada almofada, pode ser visto de uma porta de uma sala de

reuniões, dentro de uma casa antiga e luxuosa, que pode estar indicando o “Palácio dos Leões”⁹. O palácio aparece como um lugar com tons de impessoalidade, frio e sem vida.



Figura 19: “Carta dos Maranhenses”.
Fonte: DINO, 2014 (Youtube).

À medida que este novo personagem vai caminhando no vídeo, o narrador, com uma trilha sonora dramática ao fundo, fala: “Nos últimos 50 anos, transformaram o maranhão em uma monarquia.”. O conjunto de imagens, sons e texto verbal do vídeo despertam uma memória sobre a história política do Maranhão. Com a continuação da narração, a citada “monarquia” é melhor explicada: “[...] tinha um rei. Aí o rei saiu e filha virou rainha. E agora vem o filho do outro e quer virar rei também.”. Aí a propaganda começa a ganhar traços de provocação, ao trazer implícitos sobre a família Sarney, discursivizada como a monarquia do Maranhão. O “rei”, José Sarney, “a filha” Roseana Sarney e “o filho do outro”, referindo-se a um dos adversários de Flávio Dino nas eleições de 2014, Edison Lobão Filho (PMDB). No texto verbal que compõe esse discurso vemos que o enunciador vai construindo uma história da política maranhense sem nomear personagens. Dessa forma, nesse espetáculo político, ao mesmo tempo em que o discurso da campanha eleitoral de Flávio Dino se mostra super produzido, com textos verbais e não verbais pensados em cada detalhe, há também uma provocação política que ganha traços de uma simples e leve história que está sendo contada aos telespectadores. Utilizar palavras como “oligarquia”, “monarquia”, “capitanias hereditárias” e “imperadores” e não citar os nomes “Sarney” ou “Lobão” colabora com esses sentidos e funciona também para preservar o enunciador de possíveis retaliações e processos judiciais.

⁹ Um prédio histórico secular também considerado patrimônio arquitetônico, onde funciona a sede do Governo do estado do Maranhão. (RAMOS, 2011)

Em seguida, o personagem do “mordomo”, caminha em direção a uma luz ao final de um corredor e novamente há uma cena em close da coroa, dessa vez ela aparece bem iluminada e brilhante. A partir daí o personagem é mostrado saindo do palácio por uma porta frontal e vai caminhando em um bonito dia de sol, pelas ruas do centro histórico de São Luís, depois em vários outros lugares: caminhando em uma estrada, parado no meio da multidão de pessoas que caminham freneticamente na Rua Grande¹⁰ e em o que parecem ser propriedades rurais, em meio a plantações. É em meio a uma dessas plantações que o “mordomo” começa a aparecer, coroando diversos outros personagens que vão aparecendo no vídeo. (Figura 20).



Figura 20: "O povo é que vai ser rei".
Fonte: DINO, 2014 (Youtube).

Um após o outro, um lavrador, uma criança e uma senhora, que aparece feliz em, primeiro plano, num ambiente que parece ser uma casa bem humilde, vão sendo coroados. O vídeo vai tomando cores e sorrisos, fazendo oposição ao ambiente formal e triste do palácio e também contrastando o passado (dos “50 anos” anteriores) com o que o sujeito enunciator quer mostrar como “futuro” a partir da possível eleição de Flávio Dino. Também nesse sentido, o texto falado pelo narrador coloca o “povo”, o eleitor de Flávio Dino, como sedento por mudança: “Só que o povo desse lugar cansou e resolveu escrever uma nova história. Em nessa nova história, o povo é que vai ser rei”. Além da vontade de mudança, o enunciator atribui outros sentidos ao “povo”, podemos perceber que nesta sequência discursiva em destaque que ele também aparece como agente da transformação política do Maranhão e, apesar de “cansados” e castigados, o povo é mostrado como consciente de seu poder e não entrega a coroa a outro candidato, mas sim a si mesmo. O protagonismo do povo na proposta de mudança apresentada pela coligação política é um sentido que permeia a campanha política

¹⁰ Rua conhecida por seu grande e intenso comércio popular, localizada no centro da capital maranhense.

de Flávio Dino. Nos dois vídeos analisados, o candidato aparece nas cenas tanto quanto ou até menos vezes que os personagens que simbolizam o povo maranhense e quando aparece sempre está se colocando na posição de “parceiro”, ou até “redentor”, aquele que ouve o povo e age em prol deles. É o que percebemos no trecho “Mas como se libertar desses imperadores? O caminho foi o diálogo”, esse ponto marca a primeira aparição de Flávio Dino no vídeo.



Figura 21: "O caminho foi o diálogo"
Fonte: DINO, 2014 (Youtube).

O diálogo apontado pelo enunciador como caminho para mudança é o diálogo estabelecido entre o candidato Flávio Dino e o povo. Ou seja, o candidato é enunciado como um intercessor, como caminho para mudança, é por esse caminho que o povo deve andar para alcançar um destino final, o poder. Esses sentidos sobre o povo são na verdade transferidos ao povo maranhense, é uma reelaboração e reaparição de outros discursos, trazidos à campanha através de um domínio de memória sobre o comunismo. A ideia de um povo consciente de seu lugar e de seu poder pode ser comparada à ideia que *O manifesto do Partido Comunista* expõe sobre a classe proletária e sua tomada de consciência sobre sua função como construtores dos bens de consumo. Antes da tomada de consciência, assim como o proletariado na teoria marxista encontra-se alienado, o povo maranhense se encontra submisso e subjugado pelo poder da “oligarquia”.

Na continuação do vídeo, o narrador relembra o começo da campanha, fazendo referência à *Carta aos maranhenses* (peça publicitária analisada anteriormente). Então o candidato aparece sozinho em uma sala de escritório, ilustrando a narração: “No começo dessa campanha, Flávio Dino escreveu uma carta para os maranhenses.” Nas imagens Flávio Dino aparece em uma mesa cheia de livros, escrevendo e o ambiente meio escuro dá destaque somente a ele, sua carta e um livro é mostrado em destaque (Figura 22).



Figura 22: Livro "Derrubando Golias"
 Fonte: DINO, 2014 (Youtube).

Derrubando Golias: descubra como superar os maiores obstáculos de sua vida é um livro de um pastor evangélico norte americano chamado Max Lucado. Em outro momento da campanha, um encontro do candidato com líderes evangélicos, Flávio Dino definiu esse “Golias do Maranhão” como o “quadro de pobreza, exclusão, negação de direitos básicos.” (COSTA, 2014). A prática de promover encontros com a comunidade cristã (evangélicos e católicos) não é novidade em campanhas políticas, mas na campanha de um candidato de um partido comunista que é enunciado por diversas vezes na mídia como pertencente a um grupo ateu, essas tentativas de estabelecer diálogos toma sentidos especiais. Por isso entendemos que no vídeo, a imagem do livro de um pastor evangélico não acontece por acaso, porque o diálogo entre “comunistas” e “cristãos”, no contexto sócio-histórico de produção do discurso político do candidato, ainda é um território de conflitos.

O vídeo continua com uma reprise de cenas do vídeo *Carta aos Maranhenses* e o povo novamente é destaque, vários personagens de cidadãos vão aparecendo e expressando um desejo de “mudança” (palavra que é repetida diversas vezes), e atribuindo adjetivos ao maranhão que “sonham” para todos (outra palavra repetida nesse trecho do vídeo). Mais uma vez o povo está sendo protagonista maior da mudança e é ele quem diz o que quer, esse sentido de ação através de uma coletividade e em prol dela é expressado no verbal pela construção do texto sempre em primeira pessoa do plural e sendo texto falado não pelo narrador do vídeo, mas por todos os personagens maranhenses de diversas cores e etnias que vão aparecendo na tela. A pluralidade do povo maranhense aparece através desses personagens, jovens, crianças, idosos, homens, mulheres, índios, negros, brancos e pessoas

com necessidades especiais dão voz ao discurso de mudança e o discurso do candidato é então atravessado pelo discurso da diversidade.

Após essa retrospectiva, o narrador volta a falar: “Dois meses depois, foi a vez dos maranhenses retribuírem o carinho”. O “carinho” é referência ao gesto inicial de Flávio Dino de escrever uma carta, que, mesmo fazendo parte de uma peça publicitária política, novamente ganha tons da carta pessoal. As próximas cenas do vídeo são de um carteiro fardado que aparece na porta de uma casa perguntado se ali é a casa do “doutor Flávio Dino” e entregando a um porteiro várias pilhas de carta.

Flávio Dino aparece agora fazendo a leitura das cartas, no mesmo escritório no qual aparecia escrevendo a sua. Ele lê os nomes dos remetentes em voz alta enquanto as cenas se voltam para esses cidadãos que vão sendo citados. Cada um deles aparece em suas respectivas casas, vão se posicionando à mesa e escrevendo suas cartas em resposta ao candidato. A leitura vai sendo feita em grupo, cada um de seu lugar vai lendo trechos e suas vozes vão se misturando à de Flávio Dino. O discurso da mudança e a exaltação às riquezas e características do povo maranhense aparecem novamente, dessa vez o candidato do PCdoB é incluído na primeira pessoa do singular também utilizada nas cartas que os maranhenses escreveram a ele.

É a partir desse momento do vídeo que Flávio Dino aparece como tradicionalmente estamos acostumados a ver os candidatos a cargos eletivos. Ocupando toda a tela e dirigindo-se ao eleitor diretamente, ele se dirige diretamente aos maranhenses agradecendo o carinho do povo e expressando a felicidade em saber que o desejo de “virar essa página de 50 anos”, mais uma vez em referência à Família Sarney, é de todos. Ou seja, o sujeito enunciativo coloca o desejo de mudança, como um desejo do candidato, mas que não foi uma proposta trazida por ele para o povo, mas como o resultado da percepção que ele teve a partir do diálogo que estabeleceu com os maranhenses no decorrer da campanha. Mais uma vez o sentido que se constrói é de uma autonomia e de uma tomada de consciência que vem do próprio povo. Nesse cenário, Flávio Dino seria mais um personagem que agita a luta e trabalha junto ao povo para construir essa transformação: “Juntos nós vamos vencer”. E o vídeo se encerra com o mesmo personagem do início carregando um mastro com a bandeira do Maranhão e crianças felizes brincando dentro de uma lagoa dos Lençóis Maranhenses tendo um animado jingle de campanha do candidato como trilha sonora.

CONCLUSÕES

No caminho percorrido neste trabalho, alguns questionamentos balizaram nosso trajeto de investigação sobre os efeitos de sentido que emergiram na mídia a partir da associação do candidato Flávio Dino (PCdoB) à memória do comunismo. Estes questionamentos abordam que comunismo emergiu na campanha político-eleitoral do candidato; como a memória do comunismo emergiu nesta campanha; e quais efeitos de sentido emergem dos mecanismos discursivos que constituem esse discurso político-eleitoral.

Dessa forma, ao longo do nosso trabalho, pudemos construir, no capítulo I, nosso dispositivo de análise para a investigação proposta sobre os discursos que emergiram na campanha eleitoral de Flávio Dino em 2014, com base na Análise do Discurso de linha francesa. Neste capítulo evidenciamos categorias teórico-analíticas essenciais para o empreendimento de nossas análises, tais como memória e interdiscurso; falamos também um pouco sobre a história da AD e do desenvolvimento do campo da Semiologia Histórica; além disso, fizemos uma reflexão sobre identidades e transformações desse conceito, mais especificamente no campo da política. No segundo capítulo, produzimos outra reflexão sobre como foram produzidos diversos conceitos de comunismo ao longo da história, sobre alguns aspectos dos movimentos e ações que se definiram como comunistas na URSS, no Brasil e no Maranhão e sobre a inserção de Flávio Dino na política maranhense. Também no segundo capítulo apresentamos a primeira análise do nosso trabalho de uma charge lançada na mídia durante a campanha eleitoral de 2014 no Maranhão, nessa análise observamos como um discurso anticomunista sobre canibalismo, e a memória dos símbolos e dos acontecimentos históricos relativos à URSS é atualizada no tempo presente para identificar Flávio Dino.

No terceiro capítulo apresentamos as outras análises de nosso trabalho procurando destacar, ao longo dessas análises, os mecanismos linguístico-discursivos dos enunciados analisados. Ao mesmo tempo em que buscamos investigar as condições de aparecimento e de possibilidade do discurso eleitoral de Flávio Dino e dos discursos midiáticos que produzem uma associação do candidato ao comunismo, a partir de um domínio de memória.

Através das análises apresentadas, pudemos verificar que a associação do candidato Flávio Dino ao comunismo durante a campanha eleitoral de 2014 não aconteceu ao acaso. Pensamos que a discursivização do candidato como comunista se faz a partir de uma diversidade de outros discursos sobre o comunismo, que foram produzidos em diferentes

textos e em distintos momentos da história. Pensamos que a filiação partidária de Flávio Dino ao PCdoB se tornou midiaticamente mais produtiva nas eleições estaduais no Maranhão de 2014 talvez em razão de sua candidatura ter sido apresentada na mídia, através de pesquisas eleitorais, como estatisticamente mais forte que na eleição anterior (2010). Mas a construção desses discursos se forma antes, em outro lugar, quando outros discursos sobre o comunismo, sobre capitalismo e sobre democracia se fizeram presentes em nossa história.

Percebemos na entrevista analisada que as questões feitas ao candidato tiveram temas mais relacionados às suas estratégias e parcerias políticas que ao seu projeto de programa de governo. Os temas destacados foram: diretrizes do PCdoB, alianças partidárias, religião e política. Além de estabelecer um interdiscurso com o estatuto do partido, com a legalidade dos partidos instituída no texto da Constituição, acionando sentidos sobre a democracia. Notamos outra conexão com o interdiscurso da oposição à família Sarney que é introduzida pelo candidato através de uma oração adversativa (“Mas nem um governador pode ser governador de um pequeno grupo, de uma família ou de um partido”).

A sociedade pós-moderna sob os efeitos resultantes da globalização proporcionou aos sujeitos uma descentralização e a fragmentação das identidades antes tidas como estáveis. Neste trabalho, também objetivamos refletir sobre a crise resultante dessas transformações e compreender como algumas identificações construídas discursivamente (re)produzem um sentido de divergência associando-o à representação de Flávio Dino na mídia. Nesse caminho, vislumbramos como os consensos e conflitos sobre o que é “comunismo” e o que é “ser comunista” estão tão presentes e funcionam, por meio de um domínio de memória, na (re)produção de discursos identitários de políticos na pós-modernidade.

Notamos que a mídia analisada questionou uma proposta do programa de governo de Flávio Dino através de uma retomada de uma oposição entre comunistas e católicos que tem suas origens em outros lugares e que já fora dito através de vozes. Esse conflito identitário entre comunistas e católicos aparece também, na fala do entrevistador, como um apontamento de uma possível “falha” identitária do candidato, uma possível caracterização do candidato como um político que cria argumentos e estratégias incoerentes para convencer seu eleitor. No entanto, a partir da discussão levantada sobre identidades na pós-modernidade, pudemos vislumbrar a exigência da adaptação dos sujeitos a um novo contexto sócio-histórico no qual a mobilidade identitária faz-se necessária, do mesmo modo que fixar-se em uma identidade

única é um “perigo”, pois a identidade deve ser “um manto leve pronto a ser despido a qualquer momento” (BAUMAN, 2005, p. 37).

Também notamos no texto do site do PMDB, que outros discursos sobre a história da URSS também são retomadas e é produzido um efeito de impossibilidade de parceria entre Flávio Dino e as comunidades evangélicas. Assim, a memória de um comunismo que se identifica primordialmente com a experiência histórica do poder soviético é retomada, assim como na charge analisada, funcionando como um mecanismo da produção do efeito de contradição nas práticas discursivas sobre o candidato.

Na análise do primeiro vídeo da campanha eleitoral de Flávio Dino percebemos que a memória do comunismo na propaganda eleitoral gratuita do candidato surge para produzir um efeito de sentido de compartilhamento igualitário de bens, entre os cidadãos maranhenses que, na leitura do sujeito enunciador, buscam a libertação de injustiças sociais. É a construção de uma sociedade igualitária com bens e riquezas acessíveis a todos que é rememorada na campanha de Flávio Dino em 2014. É uma memória que já estava lá no discurso político do candidato em 2010, mas que agora se materializa em uma apresentação de um problema construída entre a sutileza da *conversação* cotidiana estabelecida através das “cartas pessoais” e a sedução do vídeo e promoção que uma “carta aberta” proporcionam, apresentando Flávio Dino como um aliado do povo nesse processo de transformação da realidade maranhense.

Assim como na análise do primeiro vídeo, observamos também no último vídeo da campanha do candidato como o comunismo mobilizado, na voz sujeito enunciador da campanha. Esse comunismo produzido pela campanha eleitoral de Flávio Dino se apresenta de forma sutil “na superfície das coisas efetivamente ditas”, em gestos e dizeres construídos nessa super produção publicitária, que circulou nas múltiplas telas que a globalização proporciona ao *homuns politicus* contemporâneo.

RERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Fernando Antônio. *Mídia e democracia no Brasil: relações entre o sistema de mídia e o sistema político*. Revista Opinião Pública, Campinas, vol. 12, nº 1, p. 88-113, 2006.

AZEVEDO, Antonio Carlos do Amaral. *Dicionário de nomes, termos e conceitos históricos*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira. 3ª. ed. 1999.

BAUMAN, Z. *Identidade*. Entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

BURGUIÈRE, André. *Dicionário das Ciências Históricas*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

CABALAU. *Charge do dia*. O Estado do Maranhão, São Luís, 10 ago. 2014. p.3.

CALDEIRA, João Ricardo. *Integralismo e política regional: a Ação Integralista no Maranhão*. São Paulo: Annablume, 1999.

COURTINE, J.J. As metamorfoses do homo politicus. In: In: PIOVEZANI, Carlos. SARGENTINI, Vanice. (Org.). *Legados de Michel Pêcheux: inéditos em Análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2011a.

_____. Discurso e imagens: para uma arqueologia do imaginário, in PIOVEZANI FILHO, C.; CURSINO, L.; SARGENTINI, V. M. O. *Discurso, semiologia e história*. São Carlos: Claraluz, 2011b.

_____. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Paulo: EdUFSCAR, 2014.

_____. Os deslizamentos do espetáculo político. In: GREGOLIN, Maria do Rosário V. (Org.). *Discurso e mídia: a cultura do espetáculo*. São Carlos: Claraluz, 2003. p. 21-34.

MARX, K. & ENGELS, F. (1848 [1998]) Manifesto do Partido Comunista. In REIS FILHO, Daniel Aarão (Org.). *O manifesto comunista 150 anos depois*. Rio de Janeiro/Contraponto, São Paulo/ Fundação Perseu Abramo.

FERNANDES, Cleudemar Alves. *Análise do Discurso: reflexões introdutórias*. 2ª. Ed. São Carlos: Claraluz, 2007.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Trad. Luis Felipe Baeta Neves. 8a. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2014.

_____. *A ordem do Discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1995.

GREGOLIN, Maria do Rosário V. *A tipologia textual e a construção da referencialidade no discurso jornalístico*. Trabalho apresentado no 16º Congres International des Linguistes, Paris, 1997.

_____. *Foucault e Pêcheux na Análise do Discurso: diálogos e duelos*. São Carlos, Editora Claraluz, 2005.

_____. *Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades*. Comunicação, mídia e consumo. São Paulo v.4. n.11 p.11-25, 2007a.

_____. *Formação discursiva, redes de memória e trajetos sociais de sentido: mídia e produção de identidades*. In BARONAS, Roberto Leiser (org.). *Análise do discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2007b.

_____. *Identidade: objeto ainda não identificado? Estudos da Língua(gem)*. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista. v.6. n.1. p.81-97, 2008

GRANGEIRO, Cláudia Rejanne Pinheiro. Misoginia e anticomunismo na xilogravura de cordel. In: TASSO, I.; NAVARRO, P., orgs. *Produção de identidades e processos de subjetivação em práticas discursivas* [online]. Maringá: Eduem, 2012. p. 161-181.

GROPPO, Bruno. *O comunismo na história do século XX*. Lua Nova, São Paulo, 2008.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mario de Salers. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

DEBORD, GUY. *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1987.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Trad. Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana Ferreira Borges. Campinas: EDUNICAMP, 1990. Capítulo *Memória* (p.419-476).

MALDIDIER, Denise. *A Inquietação do discurso: (Re)Ler Michel Pêcheux hoje*. Traduzido por Eni P. Orlandi. Campinas: Editora Pontes, 2003.

MARX, K.; ENGELS, F. *Manifesto do Partido Comunista*. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

MATTOS, Sérgio. *História da televisão brasileira: uma visão econômica, social e política*. Petrópolis: Editora Vozes, 2ª edição, 2002.

MAZIÈRE, Francine. *A análise do discurso: histórias e práticas*. Tradução de Marcos Marciolino. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

MOURA, Marivânia de Melo. *Cultura política, voto e eleição em São Luís do Maranhão: uma análise do pleito de 2010*. 2013. 123 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós Graduação em História Social, Universidade Federal do Maranhão, São Luís.

PACHECO, Isabel Maria de Jesus. *O imaginário da carta de Caminha e sua apropriação pelo turismo*. 151 p. Dissertação (Mestrado em Cultura e Turismo) -Universidade Estadual de Santa Cruz –UESC e Universidade Federal da Bahia – UFBA, 2004.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas, SP. Editora da UNICAMP. 2010.

_____. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas, Pontes, 1997.

_____. Papel da memória. In: ACHARD, P. et al. *Papel da memória*. Campinas: Editora Pontes, 1999.

PEREIRA, Ariel Tavares. *Um espectro ronda a ilha: O comunismo na imprensa de São Luís (1935-1937)*. 2010. 141 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Maranhão, São Luís.

PIOVEZANI FILHO, Carlos. Política midiaticizada e mídia politizada: fronteiras mitigadas na pós-modernidade. In: GREGOLIN, M. R. V. (Org.). *Discurso e mídia: a cultura do espetáculo*. São Carlos: Claraluz, 2003. p. 49-64.

PUECH, C. A emergência do paradigma semiótico-estrutural na França. In: PIOVEZANI, C.; CURCINO, L.; SARGENTINI, V. *Discurso, semiologia e história*. São Carlos: Claraluz, 2011.

SARGENTINI, Vanice. Análise do Discurso e Semiologia: enfrentando discursividades contemporâneas. In CURCINO, Luzmara; PIOVEZANI, Carlos; SARGENTINI, Vanice (org.). *Discurso, Semiologia e História*. São Carlos: Claraluz, 2011a.

TAVARES, Rodrigo Rodrigues. *A foice e o martelo: história e significado do símbolo comunista*. Anais do II Encontro Nacional de Estudos da Imagem. p.1313-1328. Londrina, 2009.

ORLANDI, E. P.; LAGAZZI RODRIGUES, S. (ORGS.) – *Introdução aos estudos da linguagem*. Discurso e textualidade. A Análise do Discurso. CAMPINAS, SP: PONTES EDITORES, 2006.

SILVA, Jane Quintiliano Guimarães. *Um estudo sobre o gênero carta pessoal: das práticas comunicativas aos indícios de interatividade na escrita dos textos*. 209 p. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras. Universidade Federal de Minas Gerais.

SILVA, K. V; SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo: Contexto, 2010.

ZUBEK, Lauro. *O processo de mudança político ideológica do PCdoB na década de 1980: da luta armada à retórica eleitoral*. 2010. 28f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Sociologia Política) - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

SITES CONSULTADOS

AZEVEDO, Fernando Antônio. *Mídia e democracia no Brasil: relações entre o sistema de mídia e o sistema político*. Opin. Publica, Campinas, v. 12, n. 1, p. 88-113, May 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010462762006000100004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 25/03/2017.

BORGES, Arleth Santos. *São Luís: eleições 2008 na capital maranhense. Peças novas para um velho jogo*. 2008. Disponível em: <http://www.fundaj.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2355%3Asao-luis-eleicoes-2008-na-capital-maranhense-pecas-novas-para-um-velho-jogo-&catid=58&Itemid=414>. Acesso em: 10/08/2015.

CAMPANHA, Diógenes. *Oposição no MA, Dino vence e encerra ciclo de poder dos Sarney*. Folha de S.Paulo, 05 out. 2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/10/1527756-oposicao-no-ma-dino-vence-e-encerra-ciclo-de-poder-dos-sarney.shtml>>. Acesso em: 12/07/2015.

CONECTAS; JUSTIÇA GLOBAL; OAB; SMDH. *Violação continuada: dois anos da crise em Pedrinhas*. São Paulo, 2016. Disponível em: <<http://www.conectas.org/pt/acoes/justica/noticia/41573-violacao-continuada-dois-anos-da-crise-em-pedrinhas>>. Acesso em: 22/11/2016.

COSTA, Domingos. 2014. *“Temos fé para enfrentar o Golias do Maranhão”, diz Flávio a líderes evangélicos*. Disponível em: <<http://www.domingoscosta.com.br/temos-fe-para-enfrentar-o-golias-do-maranhao-diz-flavio-a-lideres-evangelicos/>>. Acesso em: 18/03/2017.

COGGIOLA, Osvaldo. *O Movimento operário nos tempos do Manifesto Comunista*. Disponível em: <www.pucsp.br/cehal/downloads/textos/ATT00599.pdf>. Acesso em: 25/03/2017.

DINO, Flávio. *Flávio Dino Governador - Programa 14*. Youtube, 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kBJo_3RJVf4>. Acesso em: 15/08/2015.

_____. *Uma carta pela mudança do Maranhão*. Youtube, 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FOiwpAMgNRg>>. Acesso em: 15/08/2015.

_____. *Carta aos Maranhenses*. Youtube, 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PMP0KomOIhU&list=PLKWUfqg8cFHn8m6hWc0WYty7B_G_wuxjc>. Acesso em: 15/08/2015.

_____. *Carta dos Maranhenses*. Youtube, 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FOiwpAMgNRg>>. Acesso em: 15/08/2015.

FARIA, Luís M. *Porque se dizia que os comunistas comiam crianças?*. 2015. Expresso. Disponível em: <<http://expresso.sapo.pt/sociedade/2015-11-14-Porque-se-dizia-que-os-comunistas-comiam-criancas--1>>. Acesso em: 26/03/2017.

G1 MARANHÃO. Flávio Dino fala sobre alianças políticas no JMTV2. G1 MARANHÃO, 22 ago. 2014a. Disponível em: <

<http://g1.globo.com/ma/maranhao/eleicoes/2014/noticia/2014/08/flavio-dino-fala-sobre-aliancas-politicas-no-jmtv2.html>>. Acesso em: 10/08/2015.

_____. JMTV 2ª Edição terá entrevistas com candidatos ao governo do MA. . G1 MARANHÃO, 18 ago. 2014b. Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/eleicoes/2014/ma/noticia/2014/08/jmtv-1-edicao-vai-entrevistar-candidatos-ao-governo-do-ma.html>>. Acesso em: 10/08/2015.

ITUNES. Aplicativo Flávio Dino 65, 2014. Disponível em: <<https://itunes.apple.com/br/app/flavio-dino-65/id910466125?mt=8>>. Acesso em: 17/07/2016.

PEREIRA, Ariel Tavares. UM ESPECTRO RONDA A ILHA: O comunismo na imprensa de São Luís (1935-1937). 2010. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <http://www.ppgcsoc.ufma.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=178&Itemid=120>. Acesso em: 25/03/17.

PMDB. *Lobão Filho discute relacionamento entre governo e igreja com líderes evangélicos*. 2014. Disponível em: <<http://pmdbma.com.br/lobao-filho-discute-relacionamento-entre-governo-e-igreja-com-lideres-evangelicos/>>. Acesso em: 20/03/2017.

PORTAL VERMELHO. *Carta aos Maranhenses, por Flávio Dino*. 2014. Disponível em: <<http://www.vermelho.org.br/noticia/248217-1>> . Acesso em: 15/08/2015.

RAMOS, Paulo. *Faça um passeio virtual pelo Palácio dos Leões, cartão postal do Maranhão*. G1 MARANHÃO, 2011. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/brasil/faca-um-passeio-virtual-pelo-palacio-dos-leoes-cartao-postal-do-maranhao-2984636>>. Acesso em: 22/11/2016.

REVISTA FÓRUM. Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/blogdorovai/2014/08/23/bizarra-entrevista-comunista-flavio-dino-na-tv-dos-sarney/>>. Acesso em: 23/11/2016.

TRUFFI, Renan. "Se o senhor for eleito, vai implantar o comunismo no Maranhão?". Carta Capital, 25 ago. 2014. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/blogs/carta-nas-eleicoes/se-o-senhor-for-eleito-vai-implantar-o-comunismo-no-maranhao-5998.html>>. Acesso em: 12/07/2015.

UOL. 2014. *Flávio Dino (PC do B) derrota aliado dos Sarney e se elege governador do MA*. Disponível em: <<https://eleicoes.uol.com.br/2014/noticias/2014/10/05/flavio-dino-desbanca-candidato-dos-sarney-e-se-elege-governador-do-maranhao.htm>>. Acesso em: 23/11/2016.